

## AUDIÊNCIA PÚBLICA 26MAI2011

**Pauta:** Debater sobre os sistemas de transporte público de Porto Alegre.

**O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS (José Luiz Espíndola Lopes):** (19h15min) Boa-tarde. Neste momento damos início a esta audiência pública com o objetivo de debater sobre os sistemas de transporte público de Porto Alegre.

Sra. Maria Cristina Ladeira, Diretora de Transportes da EPTC; Sr. Jaires da Silva Maciel, Presidente do Conselho Municipal de Transporte Urbano; Luiz Dahlem, Vice-Presidente da Federasul; Sr. Gerson Luís de Ávila Assis, Vice-Presidente do Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre; Sr. Rogério Martina, representante da Associação dos Transportadores de Lotação – ATL. Prestigiam esta Audiência Pública os Senhores Vereadores Bernardino Vendruscolo, Sebastião Melo, Engenheiro Comassetto, Pedro Ruas, Fernanda Melchionna, Aldacir José Oliboni e Toni Proença; os senhores empresários e colaboradores do transporte coletivo de Porto Alegre; senhores membros do Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre, demais membros da população. Ainda prestigiam esta solenidade o Sr. Luís Afonso Martins, da CUT; Sra. Marisa da Silva Santos, da UAMPA; Sra. Elisângela Muller Rodrigues, da FASC.

Com a palavra a Ver.<sup>a</sup> Sofia Cavedon, Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Boa-noite a todos e a todas, estão todos convidados, quem quiser, a sentar aqui nas cadeiras, vamos nos sentir mais aconchegados, mais unidos e com melhor condição de debate, com certeza, fiquem à vontade.

As nossas Audiências Públicas têm este caráter de escuta, de audição e de construção de alternativas. Agradeço o nosso Secretário Vanderlei Cappellari, que, certamente, depois de um dia cansativo, como devem ter todos, está aqui disponível para fazer o debate conosco; e na pessoa do Cappellari cumprimento todas as autoridades aqui já nominadas, para termos objetividade na nossa reunião.

Cabe a mim, muito rapidamente, repassar alguns pontos. Nós combinamos uma fala na nossa dinâmica. A Mesa concorda? A fala inicial da EPTC, depois das minhas considerações, e após privilegiaríamos a fala dos usuários. São muitos que estão tentando se inscrever, de associações – porque não temos uma representação dos

usuários dos transportes – e vamos oportunizando a fala dos Vereadores neste meio tempo, e aí voltaríamos à Mesa. Se os membros da Mesa não puderem esperar para se manifestar no final, que se inscrevam antes. Se acharmos que já houve muitas falas e que é importante fazer uma rodada com os integrantes da Mesa, nós voltamos.

Então, eu levanto algumas questões. A Câmara está andando de ônibus, porque nesta Casa, chegam, de maneira muito forte e de muitas maneiras, reclamações sobre o transporte. O estopim do programa Câmara nos Ônibus – se é que dá para chamar de programa –, mas da ação que a Câmara vem fazendo, e que alguns Vereadores, inclusive, por iniciativa própria, desdobram nas suas regiões – foi a manifestação da Lomba do Pinheiro, do Conselho Popular da Lomba, trancando a Av. Bento Gonçalves. Uma das pautas era o apelo, o pedido de socorro, o problema do trânsito e o transporte coletivo na Lomba do Pinheiro. E nós estamos convencidos, Secretário, de que é muito importante viver a situação e ouvir a população, por dois motivos. Um para entender e perceber a intensidade do problema; e o segundo, porque as soluções, muitas vezes, são enxergadas por quem está no cotidiano, e não por nós que estamos pontualmente, ou de uma maneira distante, olhando o problema.

Então, elementos como a não possibilidade de o cidadão controlar os horários, ou porque não enxerga, até por esta questão simples de não enxergar a tabela que está no ônibus, presa no vidro do ônibus, como eu verifiquei hoje de manhã, a tabela só fala do primeiro e do segundo horários, às 5h da manhã, dos outros horários não se tem ideia. Então a população também não sabe, não pode reivindicar um direito, se ela não tem conhecimento. E essa informação não está nas paradas de ônibus, também, disponível para a população poder fiscalizar.

Segundo elemento, todos os depoimentos são de que os motoristas, os trajetos previstos, são trajetos inexequíveis, não são realizáveis pelo trânsito, pelas conturbações do caminho e estão defasados, os trajetos, os tempos... O trajeto não, desculpe, o horário. Não há uma atualização a partir da demanda e do problema do trânsito que se alterou principalmente nos últimos tempos. Essa é uma fala, inclusive, de motoristas, é uma fala de usuários, recorrente. E, portanto, sabe-se do problema e se mantém dessa forma, não há ajuste de horário para atender de verdade à demanda, para fazer a leitura verdadeira e colocar os ônibus dentro da razoabilidade, dentro do que eles vão poder cumprir, ou seja,

que o horário previsto para o tamanho da demanda seja cumprido – horário e número de ônibus.

Os transbordos regionalizados. Nós podemos acompanhar o transbordo do Belém Velho e também do Belém Novo e, nas duas situações, nós temos transbordos de ônibus cheios. Então os ônibus chegam cheios. O pessoal depois vai relatar. Por que as pessoas têm que descer, correr em terminais pequenos, conflagrados e em conflito com que está esperando pelo transbordo, se há um ônibus esperando pelo transbordo? Por que é feito isso, no caso do Costa Gama, do Rincão, que precisa mais, do Lami em relação a Belém? Então os transbordos regionalizados, hoje de manhã, pelo menos, no Leopoldina, a não ser que me provem o contrário, ali se justifica, há menos gente e funciona bem a alimentadora. Nesses outros dois não se justifica, precisaria linha direta.

O Fone 118 está muito questionado, Secretário, as pessoas dizem que ligam para o 118. Eu sempre pergunto se eles reclamaram, se ligaram, e os relatos que nós temos do número que atenderia ao usuário, o 118, é de que são sempre respostas vagas, respostas que, no limite, quando a pessoa insiste, a resposta é que tem que ir pessoalmente fazer o cadastro. O que mais as pessoas dizem é: não adianta nada ligar para o 118.

De forma geral há uma superlotação nos horários de pico. Os motoristas chegam sempre a tomar decisões de não pegar mais passageiros, porque estão superlotados. Então os ônibus lotam ao máximo. E esse que lota ao máximo vai atrasando e, daqui a pouquinho, são dois ou três ônibus da mesma linha e depois há um largo tempo sem ônibus. Esse gerenciamento da distribuição e da demanda também não está bem.

Então há muita queixa e há depoimento de que, quando a EPTC está no local, fiscalizando, funciona: sai o ônibus, encheu, sai o ônibus. Quando a EPTC não está, o passageiro não tem para quem se queixar.

Eu estou pontuando algumas questões porque são a síntese do que nós levantamos nessas passagens.

Então, superlotação acima do que é possível e não eventual, ela é cotidiana, portanto há uma identificação de um maior número de passageiros e necessidade de mais carros, ou carros articulados. Em vários lugares as pessoas dizem que poderia haver um articulado e tal. Tema do corredor *versus* avenidas. O T11 é um depoimento, nós andamos bem. Se fosse corredor, andaríamos bem. Na Cavalhada, estraga tudo. Na ida para o aeroporto,

na Av. Pará, nós nos trancamos no trânsito. Já apareceram, em várias linhas, sugestões, então já trago, também, aqui, queixa e sugestão: por que não marcarmos na avenida uma ciclo-ônibus? No horário do pico, o ônibus vai andar por ali, paciência. Vai deixar o automóvel com uma via menor, mas nós temos que criar a cultura para a redução do uso do automóvel. Nós queremos que todos achem bom andar coletivamente.

Então há sugestão para onde não é possível construir corredores. Todos os depoimentos, Secretário, são de que, andando em corredores, o ônibus tem outro desempenho, tem condição de cumprir horário, tem condição de atender bem à população.

Sábados e domingos. Ainda tenho que falar do sábado e domingo. Nós não andamos no sábado e domingo, mas todos não deixam a gente sair do assunto antes de pontuar que o problema, no sábado e domingo, é um problema seriíssimo, é um problema de não saber o horário, é um problema de esperar por duas horas, dependendo da linha. E as pessoas trabalham, muita gente trabalha no sábado, e mesmo que tenham que se deslocar no domingo, nós temos que criar uma outra fórmula, porque a gente sabe que não podemos manter os mesmos horários, mas tem que ter uma fórmula conhecida e reconhecida, que resolva a demanda de mobilidade no sábado e no domingo.

Acredito que são esses os principais temas. Então acho que encerro, porque todos têm muitas coisas para falar sobre o problema do estresse dos motoristas e dos cobradores, que, na verdade, são a frente, a ponta da lança dessa relação estressante. E muitos deles acabam não conseguindo ter a tolerância necessária para tratar bem os passageiros, para atender com cuidado, porque também eles são muito agredidos, eles recebem a pressão da população.

Então, esses seriam os pontos – talvez tenha esquecido de alguns – que nós vimos mais frequentemente e que entendemos, sim, que a Cidade pode dar uma solução.

Os temas da concessão e da licitação não foram a nossa primeira mobilização. Quem trouxe esses temas foi o Ministério Público, e nós lamentamos profundamente que eles não estejam presentes nesta Audiência Pública, apesar de terem sido convidados, uma vez que eles têm um processo enorme e estudos que poderiam contribuir para este nosso debate.

Eu sintetizo assim e digo que a Câmara, na sua pluralidade, quer encontrar soluções. Nós não achamos que dá para naturalizar, achar que não tem saída.

Eu não gostaria de falar, porque eu sempre fui alguém que achou que Porto Alegre tem que se orgulhar muito mais do que o jeito de ser de Curitiba, mas, nessas minhas andanças, eu canso de ouvir falar das pessoas que em Curitiba os donos de empresa andam de ônibus, porque lá é muito confortável, é muito interessante, e é mais barato, que em Curitiba acharam uma solução, e que, inclusive, em relação ao tema do segundo trecho, no segundo ônibus, Curitiba resolveu bem essa questão, e as pessoas aqui não acham que seja exequível aproveitar o mesmo tíquete num trecho de 30 minutos, já que do Interior para o Centro leva-se uma hora. E eu não posso também deixar de dizer, e aí vocês vão falar, que em vários lugares, como no bairro Restinga, por exemplo, onde nós andamos bastante, as pessoas reivindicam bastante o lotação. Falam do ônibus, mas o tema do lotação aparece bastante em lugares onde não está suprido.

Muito bem, eu encerro essa introdução e passo a palavra ao Secretário para ele fazer sua manifestação inicial. Em seguida, nós passaremos para as manifestações da população.

**O SR. VANDERLEI CAPPELLARI:** Boa-noite, Presidente Sofia Cavedon, senhores Vereadores, colegas de Mesa, senhores e senhoras, na verdade, é um prazer estar aqui nesta Casa novamente debatendo o nosso transporte público da nossa Capital. Desde que fui convidado pelo Prefeito Fortunati, uma das primeiras falas do Prefeito em relação à minha responsabilidade, enquanto Secretário Municipal dos Transportes e Presidente da EPTC, era implantar na nossa Cidade a prioridade no transporte público, e, desde então, temos nos esforçado diuturnamente para que essa prioridade seja implantada nos mínimos detalhes em termos de planejamento, operação, para que isso reflita em qualidade no transporte público da nossa Capital. Eu não vou tentar responder, Presidente Sofia, a todos os questionamentos que foram feitos, mas vou tentar dar alguns dados do nosso transporte, para que a população possa conhecer um pouco da complexidade e do esforço gigantesco feito pela EPTC, operadores, motoristas, cobradores, enfim, por todos que se envolvem diariamente no sistema de transporte por ônibus na nossa Capital. Para vocês terem uma ideia, nós iniciamos, aqui na nossa Cidade, em 2010, com uma frota de 1.592 ônibus, que operavam diariamente na nossa Capital. Através de avaliações, estudos, demandas, acompanhamentos diários da operação, estudos técnicos feitos por técnicos da EPTC, nós ampliamos essa frota, até o final de 2010, para 1.650 ônibus, ou seja, agregamos à frota 58 ônibus novos. E, em

2010, diferentemente do que aconteceu nos últimos nove anos, nós tivemos um aumento no número de passageiros transportados, de 1,2. Isso quebrou um ciclo de queda permanente no sistema de transporte por ônibus, o que demonstrou que as medidas foram corretas, que nós dimensionamos o atendimento senão em 100%, mas, naquelas linhas que necessitavam de reforço de frota, foi implantado.

Nós tivemos, também, no ano de 2010, a renovação de outros 200 ônibus, na frota de ônibus de Porto Alegre, que tem a mais baixa média de vida de frota de ônibus de todas as cidades do Brasil. Então, hoje, nós temos uma frota operante, na nossa Capital, com a idade média mais baixa de todas frotas operantes no nosso País.

Nós transportamos diariamente... E está aqui o Presidente da Carris, o João Pancinha, que é um dos grandes parceiros da operação diária e que tem calcado, em cima da Carris, um modelo de qualidade. Diariamente isso é demonstrado pela população nas reuniões que a gente tem frequentado e também nas reuniões do Orçamento Participativo, onde há o grande reconhecimento da qualidade, e vou demonstrar isso em dados: a qualidade que representa a Companhia Carris, que é orgulho do nosso Município.

Hoje, em Porto Alegre, anda de ônibus, em média, 1 milhão e 100 mil passageiros por dia, de segunda-feira a sexta-feira, transportados por essa frota de 1.650 ônibus. Essa operação diária, para vocês terem uma ideia, é acompanhada, hoje, por 542 agentes, por 52 técnicos que planejam o nosso transporte, que fazem estudos, praticamente, em todas as linhas, diariamente, avaliando o seu carregamento, a sua demanda, o dimensionamento da tabela horária, para ver se ela é adequada àquela demanda. Hoje, operam esses 1.650 ônibus, 8 mil rodoviários, que, como disse a Presidente Sofia, sofrem o impacto direto do nosso trânsito, da nossa demanda diária, onde as pessoas precisam se locomover cada vez mais rapidamente, com horários cada vez mais apertados, para cumprir os seus compromissos.

Presidente Sofia, em relação ao acompanhamento diário, da satisfação da nossa população em relação à qualidade do nosso serviço, isso é monitorado, constantemente, dentro da EPTC. Além da velocidade média de cada ônibus, os 1.650 são monitorados em tempo real. Então, se vocês nos visitarem, conhecerem a nossa sala de operações, vocês verão que cada ônibus é acompanhado, permanentemente, no seu itinerário. Vocês verão se ele está no tempo previsto, se ele está atrasado, se ele está adiantado, e vocês

verão que esse acompanhamento é permanente. A partir do momento em que o ônibus passa a ficar atrasado no seu planejamento de percurso, acende no painel uma luz vermelha indicando que aquele ônibus está fora do horário previsto. Isso pode possibilitar que, através de uma ordem do gerente de operações, possam ser deslocadas equipes de fiscalização para o local, para fazerem um desvio, para que a prioridade do transporte público seja colocada em prática. Se houve um acidente, se tem um obstáculo, se tem uma obra em via pública, o primeiro a ter tratamento diferenciado é o sistema de transporte por ônibus.

Vou elencar aqui um controle de reclamação, porque, para medirmos a qualidade, fizemos um acompanhamento por linha, por consórcio, por empresa, e fizemos o detalhamento desse processo de acompanhamento, exatamente, para poder incidir lá no local, no ponto exato, onde há problema de operação.

A Companhia Carris, em 2011, teve um total de 280 reclamações através do 118. Eu vou relatar por consórcio, porque se eu for relatar, aqui, por empresas e por linha, vai demorar muito. Vou relatar só por consórcio, que demonstra a qualidade, porque a Prefeitura de Porto Alegre, hoje, faz gestão por consórcio, por bacia, e isso é uma inovação importante que agrega capacidade, qualidade e potência de mobilização. Quando uma linha tem problema, através da mobilização desse consórcio, nós podemos solucionar esse problema, num curto espaço de tempo. Então, quando uma linha tem problemas, há um deslocamento de ônibus para aquela linha, para que ela tenha um atendimento adequado. Voltando. A Carris, no ano de 2011, até praticamente ontem, teve 280 reclamações. Para vocês terem uma ideia, quando um cidadão liga para o 118, ou para o 156, é gerado protocolo, e esse protocolo tem um tratamento diferenciado, de acompanhamento, de averiguação, e essa pessoa recebe um retorno. Se ela reclamou da operação, da falta do horário ou de horário que estava atrasado, através do monitoramento da frota de ônibus, nós podemos avaliar, praticamente, em tempo real, se realmente essa reclamação tem procedência e se é necessário que haja uma intervenção imediata da EPTC em termos de operação, de planejamento, ou um comunicado à empresa, ou consórcio, para que haja uma medida de solução.

Então, a Carris teve 280 reclamações; o Conorte, 439 reclamações; o STS, que é a Bacia Sul, 619; e o Unibus, que é a Bacia Leste, 479 reclamações.

E tenho aqui, Presidente, a relação de linhas, todo o acompanhamento, para que possamos utilizar isso como metodologia de planejamento. Além da contagem de passageiros, do tempo de deslocamento, tudo isso é avaliado na hora de mencionar qual frota vai operar, qual é o intervalo entre um horário e outro, tudo isso é utilizado como metodologia de planejamento.

Eu quero, agora, relacionar algumas medidas que foram adotadas neste ano, a partir de um questionamento que partiu desta Casa, inclusive porque abriu um processo no Ministério Público sobre a tarifa de Porto Alegre. E quero esclarecer ao Ver. Pedro Ruas que respondemos hoje ao Ministério Público, com detalhamento, com cópia de processo, planilha de custo, para que o Ministério Público faça a sua avaliação em relação ao reajuste da tarifa que foi implementada a partir de fevereiro, na nossa Capital.

A partir daquela negociação, Presidente Sofia, nós negociamos, além da atualização dos custos da operação do sistema de transporte, alguns benefícios importantes para que a Cidade tivesse um ganho importante e o usuário do sistema de transporte tivesse um ganho importante. E naquele processo de atualização da planilha, nós identificamos a possibilidade de introduzir no sistema, a partir do dia 1º de julho, quando será implantado, a liberação da cobrança da segunda viagem.

Isso, além de ter uma vantagem importante, uma vantagem econômica para o usuário do sistema, quero dizer aqui que os maiores beneficiados serão os estudantes: hoje o estudante paga metade da tarifa na primeira viagem e metade da tarifa na segunda viagem. Ou seja, R\$ 1,35 na primeira viagem; mais R\$ 1,35 na segunda viagem. O usuário normal paga R\$ 2,70 na primeira viagem e mais R\$ 1,75 na segunda viagem. Para vocês terem uma ideia, hoje, 2 milhões de passageiros/mês têm cobrança na segunda tarifa.

O que vai acontecer, agora, a partir do dia 1º de julho? O estudante vai pagar apenas a primeira meia tarifa, R\$ 1,35. O usuário normal do sistema vai pagar apenas a primeira tarifa e terá 30 minutos, após o desembarque da primeira viagem, para fazer a sua integração. O que isso representa além desse benefício econômico e até de planejamento do usuário diário da tarifa? Vai possibilitar que a EPTC... Aquilo que a Presidente Sofia falou sobre aqueles terminais de integração lá do Belém Novo, enfim, em vários outros locais da Cidade onde há integração, e que para algumas pessoas isso acaba ocasionando um transtorno, a partir do dia 1º de julho, vai se tornar um planejamento



diário desse usuário, onde ele vai poder integrar em qualquer ponto da Cidade, podendo definir seu itinerário, planejar o itinerário mais rápido e/ou mais adequado, qual a linha que lhe atende melhor no seu desejo de viagem. Isso vai possibilitar que nós, no planejamento da EPTC, possamos racionalizar o sistema de transporte público da nossa Capital. Ou seja, como a Ver.<sup>a</sup> Sofia Cavedon colocou, há necessidade de fazer integração em pontos como no bairro Belém Novo, vai ser possível que essa linha, além de fazer a integração lá no bairro Belém, possa vir até a Cavalhada, que o usuário possa integrar em outras tantas linhas no trecho que ficar melhor para ele, sem custo adicional. Isso vai possibilitar que linhas, hoje, com transporte deficiente, que acabam chegando ao Centro com quatro, cinco passageiros, possam ser interrompidas em pontos estratégicos que possibilitem que esse usuário possa integrar ali com 30, 40, às vezes até com 50 linhas num grande eixo da nossa Capital. Então, isso é um grande ganho. Talvez daqui a oito ou dez meses possamos ter a noção exata de quanto essa medida vai significar em termos de melhora do transporte público da nossa Capital.

Estou vendo aqui alguns cartazes em relação ao lotação. Quero comunicar à nossa Presidente que há um Projeto que está aqui na Câmara de Vereadores, que está sendo avaliado, enviado pelo Executivo, exatamente, para que possamos licitar e ter linha de lotação na Restinga e Belém Novo. Assim que isso for aprovado pela Câmara de Vereadores e sancionado pelo Prefeito Fortunati, imediatamente vamos colocar uma licitação para que Restinga e Belém Novo tenham esse serviço tão importante, que é o serviço de lotação da nossa Cidade.

Presidente Sofia, na verdade, os dados que coloquei aqui demonstram claramente que o transporte público da nossa Capital tem qualidade. Quem conhece um pouco do transporte público prestado em outras cidades do Brasil e do mundo sabe do que estou falando. O transporte público da nossa Capital não é só reconhecido por nós, a própria ANTP – Associação Nacional de Transportes Públicos – reconhece em Porto Alegre um dos melhores transportes do nosso País.

Não estou dizendo aqui que não há necessidade de fazer ajuste, que não possamos melhorar ainda mais. Por isso estamos planejando, através de financiamento, por Porto Alegre ser uma sede da Copa do Mundo de 2014, investimentos importantes que vão qualificar ainda mais o transporte da nossa Capital. Estamos finalizando, através de um grupo técnico muito especializado, que está trabalhando desde abril de 2010, um projeto

chamado BRT, um transporte de alta capacidade, de alta qualidade, que vai mudar completamente o sistema de transporte da nossa Capital. Mesmo que não tenhamos metrô, com certeza vamos ter, para a Copa 2014, uma rede de transporte de BRTs que vai atender com grande capacidade e grande qualidade o transporte por ônibus da nossa Capital. Quero dizer que algumas políticas, também, que estão sendo implantadas na EPTC em relação à substituição de frota têm mudado a característica e a capacidade do sistema de ônibus. Hoje, quando uma empresa entra com um pedido para substituir um ônibus que está em operação, antes de autorizar essa substituição, a equipe técnica da EPTC, através da Diretoria de Transportes, da Engenheira Cristina, que trabalha nessa área há 30 anos e que tem conhecimento de todo o transporte público da nossa Capital, faz uma análise, e somente é autorizada a substituição desse ônibus por um ônibus de maior capacidade. Para terem uma ideia, agora entrou um pedido de substituição de 16 ônibus do STS, ou seja, ônibus que vão operar na Restinga e no Belém Novo. Para todos eles foi determinada a substituição por ônibus articulados. São nove ônibus que vão ser substituídos, num prazo de 90 dias, aproximadamente; ônibus de menor capacidade que operam, hoje, na Restinga, serão substituídos por ônibus articulados, com conforto, bem superiores aos que estão operando lá. Em Belém Novo, foi solicitada a substituição de dez ônibus, e foi determinado que todos sejam substituídos por ônibus articulados. Isso tem sido feito em todas as linhas, as empresas e os consórcios da nossa Capital.

Quero fazer um comentário muito diferenciado com relação aos rodoviários da nossa Cidade. Eles têm demonstrado, além do profissionalismo, um engajamento cada vez maior no sentido da qualificação do nosso transporte, e têm sido nossos parceiros, além dos parceiros que são os empresários, com quem, muitas vezes, temos conflitos permanentes em termos de fiscalização e monitoramento. Para vocês terem uma ideia, o Prefeito Fortunati, após as críticas que foram divulgadas, após as inúmeras reclamações que relatei aqui, para demonstrar a preocupação da Prefeitura em relação à qualidade do nosso transporte, determinou que a EPTC fizesse uma auditoria em todas as empresas, em todas as linhas do sistema de ônibus. Nós iniciamos, três semanas atrás, essa auditoria. Para que a vistoria fosse a mais qualificada, a mais realista possível, nós determinamos para a equipe de operação que ela fosse feita por consórcio. E todo consórcio deveria ser auditado, no mínimo, três dias durante uma semana, em todos os terminais dessas linhas: no terminal bairro, no ponto intermediário e no terminal Centro.

Estamos, agora, debruçados sobre a tabulação, sobre a análise desses dados e já temos agendada, para a próxima semana, uma reunião com todos os consórcios, exatamente para que se demonstrem os erros e os acertos encontrados na auditoria. Nessa auditoria, foram encontradas várias falhas de operação, descumprimento de tabela horária... Além da punição normal, que é autuar a empresa por não ter cumprido a tabela horária, para isso tem lei municipal que determina que a tabela horária deve ser cumprida rigorosamente, e a empresa que não cumprir a sua tabela horária, além da multa automática, que é uma multa eletrônica, como já falei para vocês, a gente monitora todos os ônibus da frota, a não ser que haja um motivo que justifique, como houve, por exemplo, uma reclamação, na semana passada: por uma hora e meia não passou ônibus aqui na frente desta Casa, da Câmara de Vereadores. Houve um motivo, a própria EPTC fez um desvio, porque havia uma manifestação na frente desta Casa, e não poderia ser colocado ônibus. Quando acontece uma reclamação, um obstáculo de que a própria EPTC tem conhecimento, isso permanente, pelos agentes ou pelas câmaras de vídeo, e o motivo não é justificado, é aplicada uma penalidade à empresa por não cumprir a sua tabela horária, além de fazer desconto no repasse, porque a empresa recebe por quilômetro e por passageiro transportado. Como ela não realizou aquela viagem, além da punição por não ter cumprido, ela recebe um desconto na hora do repasse. Queria ressaltar e aí parabenizar novamente a Companhia Carris, porque aquele acompanhamento permanente, Presidente, demonstra o que a gente chama de ICV, que é o Índice de Cumprimento de Viagens. Esse é um dado extremamente importante para que a gente tome medidas, chame o empresário e determine que ele melhore a sua operação. Então, quando a gente tem um decréscimo nesse ICV... O Índice de Cumprimento de Viagens não quer dizer... Viagens atrasadas não são contabilizadas, se ela não saiu no horário determinado, ela não entra como viagem cumprida. Então, se o intervalo é de dez minutos, e o atraso dessa viagem superá-lo em cinco minutos, é considerado que ela não cumpriu a tabela horária, e aquela viagem é desconsiderada. A Carris, como ressaltei, tem o melhor Índice de Cumprimento de Viagens, e aí, quero parabenizar novamente o Vereador e Presidente João Pancinha. Agora, em 2011, o Índice da Carris está em 92,88, o Conorte em 91,59, o STS em 92,7 e o Unibus em 90,35. Isso não quer dizer que todas as viagens não foram cumpridas, é importante dizer, porque, na nossa contabilidade lá, quando o intervalo ultrapassa metade, não é

considerado como cumprimento de viagem. Isso, então, é descontado, e o ICV desse consórcio cai.

Então, gente, eu quero deixar bem claro para todos que quem faz a gestão do sistema de transporte é a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, não é a empresa, e isso não poderia ser repassado de maneira nenhuma. Se alguma crítica tem que ser feita, tem que ser feita para a EPTC. A EPTC é responsável, ela determina, ela orienta, ela faz o planejamento e ela acompanha isso diariamente, todo o processo do transporte público da nossa Capital, ou seja, transporte por táxi, lotação, escolar e por ônibus. Nós temos essa incumbência e não abrimos mão de ser gestores do transporte público da nossa Capital.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Muito obrigada, Secretário. Eu aproveito e registro a presença do Presidente da Carris, o Engenheiro João Pancinha, somando-me aos elogios. Não que não haja críticas, mas são 50% a menos do que sobre as demais. De fato, as pessoas usam a Carris nas suas falas para dizer que, com a Carris, seria diferente: “Botem ônibus da Carris aqui!” São várias as falas dos usuários nesse sentido. Registro a presença do Major Jorge Renato Maia, Sub-Comandante do 9º Batalhão de Polícia, que está representando o Tenente-Coronel Rogério Maciel da Silva; também registro a presença do Secretário Adjunto do Planejamento Municipal, Francisco Dornelles.

Quero fazer uma referência que, de fato, as pessoas sabem que vocês fizeram vistoria durante três dias, foi reportado a mim: “A EPTC esteve aqui três dias!” Isso é para ver como o pessoal anda sempre, sistematicamente, nos ônibus e sabe o que está acontecendo.

Nós temos aqui 20 inscrições de usuários, e CUT, e representantes do DCE, não é só usuário solto, avulso, representantes de associações. Então, é uma representação bem importante, eu tenho ainda a inscrição de dois Vereadores. Eu pergunto se os Vereadores já querem... O Ver. Pedro Ruas já se inscreveu e a Ver.<sup>a</sup> Fernanda. Início com o usuário, ou o Ver. Pedro Ruas gostaria de iniciar? Vamos iniciar, então, com a Andréa Guerreiro de Souza, usuária do transporte coletivo. (Pausa.) Vamos usar a tribuna, são cinco minutos. (Pausa.) São bastantes, se a gente puder trabalhar com quatro minutos para cada um, para poder agilizar a reunião.

**A SRA. ANDRÉA GUERREIRO DE SOUZA:** Eu quero frisar que eu não represento nenhuma associação, nenhum Partido, nenhuma ideologia, eu estou aqui como cidadã e como eleitora. Eu escrevi para não me estender, não passar desses cinco minutos que nós temos direito. Eu gostaria de falar sobre lotação, especificamente sobre o nosso caso, que é a Hípica. Há muitos anos, as comunidades da Região Extremo-Sul da Capital reivindicam melhorias no serviço público de transporte, tanto se tratando de ônibus quanto de lotações. Desde então, os Srs. Vereadores vêm ouvindo os absurdos, pessoas transportadas em condições sub-humanas, em ônibus superlotados, sem condições de segurança, tampouco de conforto. O pessoal da Restinga conhece bem essa realidade, e nós também. Uma verdadeira afronta à dignidade humana, um retrato de descaso e desamparo a que são submetidos mais de 200 mil moradores do Extremo-Sul, a região que cresce em progressão geométrica na Cidade. No dia 26 de fevereiro passado, a linha Ipanema teve o seu itinerário estendido alguns quilômetros, passando a atender aos bairros Aberta dos Morros e a uma parte da Hípica. Nesse dia, houve uma grande comemoração, principalmente nos condomínios e loteamentos situados próximos à confluência das Avenidas Edgar Pires de Castro e Gedeon Leite. É fato que essa conquista não representa a solução do problema em tela, apenas o ameniza. Na inauguração da nova linha, tive a oportunidade de conversar com os motoristas dos lotações. Soube naquele dia, somente naquele dia, que eles eram comissionados e estavam comemorando a perspectiva de aumentar a sua renda, o que acabou se confirmando. Estava presente também o permissionário, o Sr. Olivaldo – eu sei que ele está presente -, na companhia de seus familiares. Estava otimista, haja vista que a linha, em seu itinerário anterior, era deficitária. Sobretudo, vi dezenas de pessoas acenando de suas janelas e comemorando a concretização de um sonho acalentado por anos, anos de luta. Nesse tempo, fomos engrossando as fileiras, angariando a simpatia e o apoio de líderes comunitários, Vereadores e cidadãos em geral. Causa-me estranheza que, depois do fato consumado, ou seja, após a Prefeitura ter autorizado a alteração do itinerário, vejamos, a todo instante, matérias e artigos que versam sobre a indignação dos moradores do Jardim Isabel, que se consideraram prejudicados. O Ver. Professor Garcia, inclusive, tem-se mostrado incansável no sentido de restituir a antiga ordem das coisas, tomando a frente desse movimento, inclusive acionando o MP.

Pois bem, recorro aos princípios da Administração Pública para tecer alguns comentários. Primeiro deles: legalidade. Criar, alterar ou extinguir um serviço público, mesmo quando se dá por meio de concessionário ou permissionário, requer a observância do ordenamento jurídico. Ao reivindicarmos a implantação do serviço de táxi-lotação ao Poder Público Municipal, sabíamos que estávamos sujeitos a essa premissa. Por esse motivo, buscamos os fóruns competentes, dentre os quais e, principalmente, esta Casa, para debater e buscar soluções. Não negociamos na calada da noite, não fizemos ameaças, nem propusemos troca de favores. Reivindicamos o respeito aos nossos direitos em altíssimo nível, recorrendo sempre a estudos e pareceres técnicos. Assim como nós, o Prefeito Fortunati e alguns Vereadores também preferiam criar uma linha nova, em vez de alterar alguma já preexistente. Fizemos o que era possível, muito, muito aquém do ideal, porém dentro da legalidade. Princípio da impessoalidade. A nossa Lei Maior diz que todos os cidadãos são iguais. Representamos cada qual, independente de cor, religião, orientação sexual, condição social, com um único e valioso voto, portanto, todos gozamos dos mesmos direitos e estamos sujeitos aos mesmos deveres. Nesse sentido, não nos cabe discutir quem de nós tem mais direitos, não viemos aqui para travar uma “queda de braço” com outra comunidade. Os moradores do Jardim Isabel têm tanto direito quanto nós, da Vila Hípica, de um transporte público de qualidade. Principalmente, também, recordando que a nossa luta não é uma luta da Hípica, é uma luta do Extremo-Sul, é uma luta que envolve a Restinga, o Lami, Belém Novo, Lajeado, Chapéu do Sul e todas essas localidades que são discriminadas de certa forma. Princípio da moralidade. O processo foi absolutamente ético e transparente, recorreremos ao Poder Público, e não aos agentes públicos. Princípio da publicidade. Todas as audiências desta Casa são registradas, as atas são de domínio público, ao alcance de quem interessar possa. As audiências, por sua vez, são abertas, permitindo o livre acesso de todos os cidadãos e entidades representativas. Nas audiências de que participei, percebi o engajamento de alguns líderes comunitários, o envolvimento de algumas associações de bairro e o interesse de alguns Srs. Vereadores. Em contrapartida, reparei também nas ausências. Líderes comunitários, associações de bairro e Vereadores preocupados apenas em proteger seu próprio queijo. Nós, moradores da Hípica, estivemos presentes a todos os debates. Estávamos e estamos mobilizados, atentos às ameaças e às oportunidades, não é de hoje. Princípio da eficiência. A decisão do Prefeito Fortunati em autorizar a alteração

do itinerário deu-se baseada em argumentos técnicos, como já mencionei. Um dos estudos necessários diz respeito à viabilidade operacional e econômica. Quanto a esta última, ninguém melhor do que o próprio permissionário para relatar o seu drama, o drama que ele vinha vivendo antigamente. A EPTC figurou de modo profissional. Sabemos que, nos bastidores, seus dirigentes e técnicos sofreram pressão e ameaças; felizmente não cederam.

Rogo à consciência e ao bom-senso dos senhores, em especial ao senhor, Ver. Professor Garcia, como disse e repito agora, que não estamos aqui para uma disputa de poder. Reconhecemos que todos temos os mesmos direitos, embora representemos uma comunidade numericamente maior. Tentar resolver a situação reduzindo a uma disputa polarizada é medíocre, é mesquinho e é pequeno demais. Estamos ocupando o tempo que deveria ser usado para resolver definitivamente o problema de todos nós – da Hípica, da Restinga, de Belém, do Lami e de outras comunidades. A polêmica serve apenas como estratégia ultrapassada de *marketing* político, para gerar mídia espontânea nos veículos de comunicação. Ganha-se em centímetro/coluna, perde-se em credibilidade. A solução, no entanto, Presidente, está no Legislativo, está nas mãos dos senhores. Peço que façam os reparos necessários à lei, façam o que for preciso, observando os princípios da Administração Pública, obviamente, para que logo possamos abrir licitações e qualificar o transporte público. Não é concebível que uma cidade com um milhão e meio de habitantes tenha um pouco mais de 400 lotações. Não é concebível que uma cidade-sede da Copa do Mundo esteja tão atrasada nesse sentido. Proponho um debate amplo, abrangendo todos os modais de transporte, serviços de transporte público e obras de infraestrutura viária. De imediato, proponho a revisão da lei. Então, eu acho que é a hora de parar de discutir e botar a mão na massa. Era isso que eu tinha para dizer. Obrigada. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Andréa. O Ver. Pedro Ruas, do PSOL, está com a palavra.

**O SR. PEDRO RUAS:** Prezada Presidente Sofia Cavedon, meu caro Vanderlei Cappellari, Secretário Municipal de Mobilidade Urbana e Diretor-Presidente da EPTC; Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Ladeira, é uma alegria revê-la; meu caro Jaires da Silva Maciel, Presidente

do Comtu, o nosso abraço; Dr. Luiz Dahlem, da Federasul; Gerson Assis, que representa os rodoviários no dia de hoje; João Pancinha, querido Diretor-Presidente da Carris; Francisco Dornelles, que representa o Planejamento; meu caro Rodolfo Mohr, do DCE da UFRGS, amigas, amigos, Vereadores; o Dr. Cappellari fez uma exposição profunda, de conteúdo e esclarecedora, e fez uma referência, também, à nossa representação ao Ministério Público. Essa representação foi feita por mim e pela Ver.<sup>a</sup> Fernanda Melchionna, nós somos a Bancada do PSOL, e é importante esclarecer o aspecto de o que é essa representação, resumidamente, é claro, porque, naquele dia, nos acompanhou, para honra nossa, no mesmo ato, a Presidente Sofia Cavedon, que levou, junto à Bancada do PSOL, uma representação que questiona o seguinte, vejam bem! E até o Dr. Cappellari fazia referência agora que respondeu ao Ministério Público. E eu fico até, Dr. Cappellari, eu não tenho solução para isso, mas é uma resposta de algo que antecede – e muito – o seu tempo. Até, digamos, eu considero injusto que o senhor tenha que responder por um espaço de mais de 20 anos, mas é a gestão sua, enfim, a nossa intenção não tem nada a ver com o seu trabalho, que todos nós admiramos.

Qual é o questionamento principal do PSOL? Nós, durante muito tempo, questionamos sistematicamente o aumento das tarifas. Esses aumentos, ultimamente, ocorrem nos meses de fevereiro e são, via de regra, superiores aos índices... (Falha no som.) ...da inflação no período. Eu lembro que agora, no último dia de aumento, 9 de fevereiro de 2011, estávamos na chuva, eu e a Fernanda Melchionna, com muitos estudantes – inclusive, vejo hoje aqui o representante do DCE da UFRGS –, protestando na frente do Executivo, da Prefeitura, meu caro Ver. Comassetto, contra o aumento. Pouco tempo depois, há cerca, agora, de um mês e meio, dois meses, veio uma informação da maior importância. Para nós – eu sou Presidente da Comissão de Urbanização, Transportes e Habitação da Câmara, é minha obrigação considerar um fato como esse –, isso mudou muito o cenário. Qual é a informação? Desde 1989, não há licitações para o transporte coletivo urbano aqui em Porto Alegre e que as concessões estão vencidas. Portanto, temos uma situação, meu caro Pitol, anterior à gestão de vocês, muito anterior, que precisa, de alguma maneira, ser modificada. Vejam bem, a Lei Federal nº 8.666, de 1993 – de 93, Francisco, tu és advogado e conheces a 8.666 –, estabelece a obrigatoriedade de licitação para que haja a concessão de um serviço público à iniciativa privada. Depois dessa lei, já no plano municipal – essa lei é federal, Lei nº 8.666, que trata das licitações



em geral -, temos a Lei nº 8.133, de 1998, que criou a EPTC. E essa lei também, Presidente Sofia Cavedon, traz como obrigação, para a permissão ser válida do ponto de vista legal, a realização de licitação. Porque é a licitação que estabelece, efetivamente, a concorrência entre quem pode e quer realizar o serviço, e entre os componentes, evidentemente, de uma licitação e de uma proposta da iniciativa privada, deve ocorrer algo em relação à tarifa, que é o que mais sangra o bolso do nosso usuário, via de regra, do mais pobre. Hoje, nós temos uma tarifa a R\$ 2,70. Se multiplicarmos por dois, vamos ter uma tarifa de R\$ 5,40, ida e volta de um percurso. Coincidentemente, isso significa 1% do salário mínimo em vigor; 1% por dia. Em dez dias, um trabalhador, uma trabalhadora, Ver.<sup>a</sup> Fernanda Melchionna, gasta, com uma ida e uma volta, um salário mínimo, em dez dias! Esse é um dado real, matemático. São R\$ 5,40 por dia, e o salário mínimo é de R\$ 540,00.

Pois bem, não há licitação desde 1989. O que nós fizemos, Ver. Sebastião Melo, e que foi referido pelo Dr. Cappellari? Uma representação ao Ministério Público Estadual que foi aceita e, portanto, aberto o inquérito, e será emitido um parecer, em algum tempo, no sentido de que todos esses reajustes ocorridos de 1989 para cá, todos, sem exceção, são ilegais. Todos! Por quê? Porque eles são pleiteados por empresas que não têm a permissão dentro da lei, não têm licitação, não têm concessão válida, analisados pelo Comtu e, depois, encaminhados ao Prefeito, para sanção. Via de regra, há uma modificação entre o percentual pedido e o que é encaminhado pelo Comtu ao Prefeito. Ora, se quem pede e é beneficiário do aumento está sem a concessão válida, por óbvio, o aumento não tem validade. Nós não pleiteamos – eu quero deixar claro, porque o Dr. Cappellari não chegou a fazer essa referência – a anulação de todos os aumentos, porque isso seria, Ver. Toni Proença, uma irresponsabilidade. O sistema, mal ou bem, funciona e tem que funcionar, enfim. Mas nós questionamos, sim, e pedimos a anulação do último aumento, o de fevereiro deste ano, que aumentou a passagem dos ônibus de R\$ 2,45 para R\$ 2,70, em 9 de fevereiro, Ver. Comassetto. Nós queremos e pedimos a anulação desse aumento. Poderíamos pedir de todos dos últimos 20 anos. Poderíamos, mas nós pedimos do último, para que, retornando a tarifa a R\$ 2,45, seja pressionado o Poder Público Municipal, que não é a gestão dos 20 anos, mas é a gestão que está lá, a fazer as licitações que não foram feitas – portanto, as concessões não são válidas! Nós acreditamos que o Ministério Público Estadual vai levar a questão até conseguir essa

anulação. Para nós, ela é emblemática, simbólica, benéfica, de fato e concretamente, a população e, dentro da lei, é o que se pode fazer neste momento. Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Vereador. Agora se manifesta a Sra. Josina Jurema Correa Marcolino, usuária do transporte coletivo.

**A SRA. JOSINA JUREMA CORREA MARCOLINO:** Boa-noite a todos. Eu sou usuária do Belém Velho, do Embratel, do 1º de Maio, de vários ônibus, só que a gente tem um probleminha. Se a carreta dos ônibus passar, e a gente perder, a gente fica meia hora na parada, se não atrasar. O 1º de Maio, todos os dias, o das dez para as oito chega às oito e cinco, sai junto com o outro, saem dois ônibus 1º de Maio. Quem pega às oito e meia no serviço nunca chega no horário. E a gente tem outro probleminha: o 1º de Maio só passa pela Azenha, ele não vai na Cascata. O Alpes, a Canudos, que é lá no fim, num buraco lá da Vila, só tem Cascatinha, não tem Azenha. Coitadas daquelas pessoas! Sobe lombo, sobe lombo, e é muita lombo, gente, para conseguir pegar um ônibus para ir para a Azenha, se der no horário do Renascença, porque é o único ônibus que passa. O Renascença só tem Azenha. Então, quem mora na Renascença tem que caminhar chão batido e muito batido, para pegar um Cascata, se der sorte dele não estar lotado. Então, gente, eu convidei a Sofia Cavedon para fazer um passeio lá na região. Só que a gente foi esperto. Eu disse para ela: vamos pegar na entrada da Vila 1º de Maio os ônibus Belém Velho, Rincão, que passa direto, não para nas paradas, porque não tem como parar, não cabe nem uma pulga. Aquela massagem boa do ônibus lotado todo dia de manhã cedo. É maravilhoso, gente! Então, eu anotei, a gente olhou os ônibus, vimos que estavam sempre lotados, a gente pegou um Belém, que era para sair às sete e três e saiu às sete e vinte, porque tinha que pegar três ônibus – do Rincão, da Costa Gama e do São Francisco -, para serem colocados num ônibus Belém Velho. Vocês imaginem, três ônibus lotados num ônibus Belém Velho, ou Oscar Pereira, ou Cascatinha. Além disso, no outro dia, na terça desta semana, a gente foi para o terminal. Para surpresa, tinha três fiscais da STS! Aí, os ônibus saíam de três em três minutos. Tinha Belém Velho que nem água! Não tinha problema de falta de ônibus nenhum! É impressionante! E aí, como a Sofia diz que o usuário diz: “Quando a STS está aqui, nenhum ônibus atrasa!” Eu não culpo nem os motoristas, nem os cobradores. Eu tenho até que saudar os motoristas. E tenho que

parabenizar a STS por ser o primeiro lugar de reclamações e, sim, porque a má conduta, a má qualificação do direito do ser humano de ter, pelo menos, 35 pessoas em pé e não cem pessoas em pé num ônibus, não só às sete horas da manhã, às dez para uma da tarde, quando as crianças vão para a escola, porque o Rincão, lá, para quem conhece, simplesmente não tem creche, não tem escola, não tem nada, não tem nem farmácia! Tem um posto para 500 mil pessoas, e olhe lá, ou mais pessoas. Então, o que acontece? As pessoas são obrigadas a sair do seu lugar, para procurar um posto de Saúde, uma escola para as crianças, que têm o direito e está no ECA isso! Mas, do jeito que elas vêm nos ônibus, pessoal, vocês não têm ideia. Pior que lata de sardinha! Eu gostaria de convidar o senhor para passear às seis horas da manhã, lá no Rincão, pegar o ônibus, conhecer a realidade do Rincão, o descaso. Então, assim, eu tenho cinco perguntinhas bem básicas, porque lá não tem lotação, pessoal, não tem ônibus, não tem nada. Então, é a lotação para lá. Por que não tem um “T” que passe na nossa região? Por que ela é excluída de Porto Alegre? Por que é um monopólio da STS? (Palmas.) Final de semana, gente, vocês rezem não um rosário, mas uns três rosários, para vocês pegarem um ônibus, quando ele não falta. Por quê? “Ah, é economia, é para os motoristas terem folga.”

(Manifestações na plateia.)

**A SRA. JOSINA JUREMA CORREA MARCOLINO:** É a desculpa da STS! Quebrou o carro, o carro não veio, não foi consertado. Isso a gente escuta todos os dias, quando a gente reclama. Os horários de verão, eu concordo que os motoristas e cobradores tenham as suas respectivas férias, só que nós, trabalhadores, não tiramos férias. Nós temos horários para cumprir no trabalho.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Tempo, Josina. (Palmas.)

**A SRA. JOSINA JUREMA CORREA MARCOLINO:** Eu só tenho mais uma.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Pessoal, vocês têm condições de se inscrever.

**A SRA. JOSINA JUREMA CORREA MARCOLINO:** Vocês tiveram tempo de se inscrever para falar. Quando for a vez de vocês, falem. Eu respeitei todos. (Palmas.) Quando ele questiona sobre o Belém, eu concordo que, no Belém Novo, falta ônibus, mas o Rincão nunca foi visitado. Há poucos anos, o Rincão ganhou o direito de ter um ônibus, mas um ônibus de hora em hora. Isso é Porto Alegre! E aí, ele fala: “Pega um ônibus e vai para o transbordo”. Só que quem mora lá no Rincão leva quase uma hora para chegar ali na Aparício para pegar um ônibus T.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Tempo, Josina.

**A SRA. JOSINA JUREMA CORREA MARCOLINO:** Como é que o transbordo de passagem vai pagar metade, se levou uma hora de ônibus? É impressionante a falta de horário e de cálculo. Quem mora longe não tem como trocar de ônibus em meia hora. Em Curitiba funciona, e ainda a gente não paga a outra metade. A gente paga uma só para todos os ônibus. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Pessoal, a gente tem muitos elementos, mas, se não cumprirmos horário, nós vamos muito longe. Todos os primeiros estouraram completamente o tempo. Quando eu aviso sobre o tempo, é porque o meu relóginho aqui me avisou que passaram cinco minutos. Então, vamos tentar ser um pouco mais objetivos, apesar de que as falas estão com muito conteúdo.

A Ver.<sup>a</sup> Fernanda Melchionna está com a palavra

**A SRA. FERNANDA MELCHIONNA:** Boa-noite a toda Mesa. Cumprimentando a Presidente, eu cumprimento todos os presentes, em função do pouco tempo. Eu queria cumprimentar todos os que estão aqui nesta Audiência Pública, um espaço importante que a gente tem para ouvir e para expressar as reivindicações, as demandas, seja do lotação, seja das questões concretas dos horários de ônibus. Eu queria falar a vocês que eu – assim como o Rodolfo, que está aqui, do DCE da UFRGS – vim do Movimento Estudantil. E, desde aquela época, Eduino, nós questionávamos o aumento abusivo do preço do transporte coletivo na Cidade de Porto Alegre. Não pode ser, gente, que o transporte, no último ano – para pegar só o último dado – tenha aumentado 10%,

enquanto que o salário mínimo aumentou 5%. Não pode ser que, de 1994 até hoje, a passagem tenha aumentado, sabem quanto? Aumentou 573%! E quanto aumento o salário mínimo, o INPC, que é o que baliza algumas vezes o salário mínimo? Porque a gente sabe que, muitas vezes, o salário mínimo não aumenta nem conforme a inflação. Foram 237%.

Para ficar claro, eu trouxe um estudo do DIEESE sobre o valor do salário do motorista, em 1994, e de quantas passagens dava, à época, e quantas daria hoje. Em 1994, o salário do motorista era de R\$ 438,00, e dava para comprar 1.184 passagens com o seu salário. Em 2010, o salário do motorista compra 611 passagens. Se o aumento do ônibus fosse o aumento do salário do motorista, hoje o motorista iria ganhar R\$ 3.200,00 líquidos, no salário básico. (Palmas.) Então, não vamos vir com demagogia aqui, de dizer que o transporte aumenta por conta da valorização do trabalhador. Não vamos vir aqui dizer que a passagem aumenta porque sobem todos os insumos, pois eu lembro que, em 2009, diminuiu o preço do óleo diesel, e a passagem aumentou! Aumentou!

Nós, neste ano, tivemos uma audiência, Presidente Sofia, na CUTTAB, cinco dias antes do aumento. Cinco dias! E já sabíamos do pedido dos empresários. Nós pedimos uma Audiência Pública com o Prefeito, com os Vereadores da CUTTAB e as entidades – foram mais de 40 entidades presentes – para falar que precisava ver era a planilha do trabalhador, que era preciso abrir a caixa-preta do aumento do transporte coletivo, que era necessária uma auditoria nesses aumentos sucessivos. E vocês sabem qual foi a resposta? Nenhuma! O Prefeito não recebeu.

Então, não dá para um transporte que funciona sem licitação, como bem falou o nosso Líder, o Ver. Pedro Ruas – são 21 anos sem licitação -, o que é uma vergonha; aumentar sempre acima da inflação, sem sequer o contraditório na auditoria da planilha, porque até o Comtu – e nós nem vamos discutir a sua composição, já discutimos de várias formas – recebeu a planilha 24 horas antes da votação do aumento. Vinte e quatro horas antes da votação do aumento, que passou a valer da meia-noite do dia em que foi votado, dia 9 de fevereiro deste ano, para um transporte de qualidade duvidosa, Secretário! Eu estive nas visitas da Câmara, e, afinal, eu ando de ônibus há muito tempo. Olha, eu lembro de uma pessoa, entre milhares com as quais nós conversamos, que disse que está tudo bem. E foi em várias linhas. O tempo de espera era, às vezes, de 40 minutos! Aí, a gente pode pegar a questão de vários transportes. Do T11 veio muita reclamação. Foram várias

linhas: o 1º de Maio, o Belém Velho, enfim, eu não vou citar as linhas. Inclusive, eu posso imprimir para o senhor os *e-mails* que a gente recebeu. Mas, em geral, tempo de espera, com superlotação, porque às vezes não cabe uma agulha a mais, e os motoristas e cobradores são obrigados a seguir abrindo a porta – é ou não é verdade? -, mesmo sem caber mais população, e a população fica lá espremida. E há a questão do custo da tarifa que, evidentemente, é abusiva. Agora subiu de R\$ 2,20 para R\$ 2,50 o transporte em Curitiba. O Ministério Público está pedindo investigação, porque subiu 12%, o que é muito. E, mesmo assim, tem a integração, que a Josina falava aqui, da qual nós estamos longe, em Porto Alegre.

A nossa ação segue lá no Ministério Público; nós temos a esperança de que essa mobilização garanta a revogação do último aumento.

Quero dizer para vocês que é necessária a integração maior entre trem, ônibus, lotação, metrô; fazer uma auditoria; ampliar a frota, mas, sobretudo, ter licitação para haver transparência, para ter um edital, para ter medidas de controle. E é necessário que a população esteja junto lutando por um transporte de melhor qualidade. Chega de grandes lucros para meia dúzia e uma tarifa caríssima para o bolso da maioria! (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Pessoal, os representantes aqui na Mesa gostariam muito de fazer contrapontos. Estou pedindo que eles tenham paciência, para anotarem, senão não vamos terminar a reunião; e, no final, retomamos ponto por ponto. O Sr. Jairton Prates, usuário do transporte coletivo está com a palavra.

**O SR. JAIRTON PRATES:** Eu pretendo ser bem rápido. Em primeiro lugar, boa-noite a todos, boa-noite à Presidente, aos Vereadores presentes. A EPTC, através do Sr. Cappellari, falou sobre a metodologia do planejamento. Vejam só, na metodologia do planejamento não existe uma transparência da empresa dentro do ônibus que utilizamos. A exemplo, não existe uma contabilidade do atraso que cada usuário tem quando chega no seu serviço, pois isso tem um custo que não é visto por ninguém. O respeito ao horário, o respeito ao itinerário relativo à Linha Jardim Bento Gonçalves não é cumprido. A empresa Carris até pode servir de exemplo, mas a Sudeste não cumpre. Outra coisa que me chama a atenção é quanto à propaganda que vai atrás do ônibus. Acho que deveria ter, sim, uma investigação do Ministério Público, porque se eu perguntar

a qualquer um de vocês aqui, ninguém saberá responder o valor do *bustop*, aquela propaganda que vai atrás. Já procurei saber, e os amigos rodoviários disseram que aquilo iria ajudar no plano de saúde. Vocês podem me ajudar? É isso que acontece? É o plano de saúde de vocês? Só que, até então, nós, usuários dos coletivos, utilizamos aquela propaganda nas costas, sendo que aquele ônibus foi feito através de uma licitação ou uma concessão e não para eu andar fazendo uma propaganda nas costas, seja de curso universitário, seja lá do que for a propaganda. Acho que deveria haver uma transparência, através do Ministério Público, para nós sabermos exatamente aonde vão os R\$ 2,70.

A minha proposta é a seguinte: tudo vem na vida através da necessidade. Como exemplo: a CLT; o Código de Defesa do Consumidor, que se criou pelo consumo em massa, para suas garantias; só que nós não temos um código de defesa do usuário do coletivo. Apregoa-se a Lei nº 8.666, mas isso nós não temos. Cabe a vocês, Vereadores, e a nós, usuários, de repente, criarmos esse código para, juntos, estabelecermos todos os artigos. Exemplo de um artigo: a utilização do cartão Tri junto ao táxi-lotação. Subiu a passagem do ônibus, automaticamente subiu a passagem do táxi-lotação na Cidade. E tu não podes utilizar o cartão Tri no táxi-lotação. Esse código de defesa do usuário de coletivos será de suma importância, e talvez possa haver até uma distribuição de cartilhas dentro dos ônibus para que a gente possa, sim, ter o nosso código e sermos respeitados em cima desse código, e não ficar procurando por leis, emendas e outras coisas mais.

Eu acredito também que, através desse código, o usuário terá muito mais direitos, e as empresas deverão cumprir com seus deveres, pois o código nada mais é do que o sinônimo da justiça entre nós. Muito obrigado a todos vocês. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Jairton. O Ver. Engenheiro Comassetto está com a palavra.

**O SR. ENGENHEIRO COMASSETTO:** Boa-noite à nossa Presidente; cumprimento toda a Mesa, os meus colegas Vereadores, as lideranças comunitárias, as entidades aqui presentes. Este debate do transporte público é muito intenso. Obviamente, temos que tratar dos ônibus, dos lotações e das demais alternativas, mas vou focar no tema dos lotações, porque Porto Alegre, que tem esse belo modal, tem 403 carros há 34 anos. A Cidade se expandiu, cresceu, mas o sistema complementar não cresceu. Com a nova

política brasileira, onde se tem ganhos e a facilidade de comprar carros, hoje, os transportadores públicos dos ônibus e lotações sabem que um dos principais problemas da mobilidade é o excesso de carros nas ruas; e o sistema de lotações não compete com os ônibus: o sistema de lotações retira os carros das ruas.

Há uma região da Cidade – e falo, sim, da Restinga, meus amigos rodoviários, e de Belém Novo, do Lami, do Lageado, da Ponta Grossa, do Campo Novo, entre outras – que não têm o sistema de lotação. Por que essas regiões são excluídas do processo?

Neste momento, este debate está acontecendo aqui na Casa e está acontecendo na Cidade, Ver. Sebastião Melo; e o senhor coordenou uma audiência pública, lá em Belém Novo, onde fomos dizer que iríamos lutar para que houvesse lotações em Belém Novo e em toda a região.

Se os ônibus estão superlotados – o que é verdadeiro –, convido qualquer um a pegar um ônibus e vir sentado, das 6h às 9h, lá da Edgar Pires de Castro. É impossível!

Portanto, esse sistema de transporte público, que é o modal dos lotações, precisa ser reestruturado.

Com esse debate, vem um Projeto de Lei para a Câmara. Aqui quero fazer outro registro ao Cappellari: a EPTC, até bem pouco tempo, na era Senna, foi só encenação; o Senna não recebia nem a comunidade nem nós, não debatia esse tema e não aceitava debater! Agora, o tema está sendo tratado com estudos e proposições, e o Projeto a que o Cappellari se referiu aqui é um Projeto que qualifica o sistema de lotações em Porto Alegre, mas que não define que vai haver novas linhas e em quais regiões.

Nós temos um Projeto de Lei, de nossa autoria, junto com outros colegas Vereadores, que está tramitando na Casa e que institui essas linhas de transporte público no modal lotação para a Hípica, para a Restinga, para Ponta Grossa/Belém Novo, para o Lageado e para o Lami. E nós queremos, sim, fazer o debate e votar conjuntamente. E aí já pergunto ao Secretário, para que responda publicamente: um Projeto é incompatível com o outro? O nosso Projeto é incompatível com o outro?

Concluo, dizendo que o nosso Projeto também apresenta a possibilidade de aumentar o número de assentos para essas linhas com mais de 44 quilômetros, um aumento de 21 lugares. Tem que haver um debate com a comunidade e um debate com os permissionários, para garantir que se tenha sucesso, porque essa região merece ser



incluída no transporte público, seja na qualificação do sistema de ônibus, seja na votação já para toda a região. Um grande abraço. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** O Sr. Leonardo Mesquita, Presidente da AMENI, ONG Liberdade Humanitária, está com a palavra.

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Boa-noite. Antes de chegar no ponto exato do transporte público, só quero fazer uma observação quanto a um Vereador. O transporte público é um assunto polêmico, principalmente para a comunidade do Extremo-Sul onde moro – já morei na Restinga Velha, na Lomba do Pinheiro, na Restinga Nova, e hoje resido na Hípica. É um assunto tão polêmico que, hoje, existe um Vereador falando de transporte que quer pegar o bonde andando e ainda sentar na janelinha. Eu quero falar do Vereador que, inclusive, esqueceu de citar o nome da minha comunidade a qual eu represento, que é a Nova Ipanema, mas tinha muitos cartazes dele espalhados pela minha comunidade: é o Ver. Comassetto. (Vaias.) Vejo que ele veio bem preparado. (Risos.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Pessoal, vamos evitar provocações e vamos ao conteúdo do debate.

(Manifestações nas galerias.)

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Não é o único da Zona Sul, não.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** De ambos os lados, por favor!

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** É o único que pagou o ônibus para vocês virem até aqui, mas não é o único da Zona Sul!

(Manifestações nas galerias.)

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** E aí, Vereador, o senhor não vai me deixar falar?!

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Por favor, pessoal! Por favor!

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Eu já falei que, inclusive, morei na Restinga e tenho muitos parentes lá.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Leonardo, eu gostaria que você se dedicasse ao tema, porque não vai contribuir fazer debate nesse nível.

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Tudo bem. Só para concluir este assunto: enquanto eu for representante daquela comunidade, não vai ter esse tipo de politicagem dentro da minha comunidade, que é a comunidade a qual eu represento. Eu só queria dar este recado para o Ver. Comassetto.

(Manifestações nas galerias.)

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Agora eu vou direto ao ponto do transporte público, inclusive para mostrar que o Comassetto não é o único Vereador da Zona Sul. Eu acho que vocês estão muito mal-informados. Eu quero falar que desde 1998... É assim que vocês querem fazer uma audiência pública?

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Leonardo, por favor.

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Desde 1998, o Ver. Professor Garcia entra com PPs para o lotação ir até a Hípica.

(Manifestações nas galerias.)

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Mas o senhor está ouvindo o que eu estou falando, eu estou falando do pessoal de Curitiba. Só que eu tenho dois problemas. Vamos escutar, então, isto aqui é uma Casa democrática! Vamos escutar o que eu tenho para falar. (Manifestações nas galerias.) Eu estou falando em transporte. Eu tenho dois problemas: além de morar no Extremo-Sul, eu ainda sou estudante.

(Manifestações nas galerias.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Pessoal, vamos escutar agora. Por favor, vou interromper só um minutinho. Nós temos dois Vereadores que atuam em regiões diferentes, que estão trabalhando – que bom! – e se somando. Então, agora eu gostaria que tu te ativesse a isso, porque senão nós vamos ter uma disputa boba aqui, que não tem razão de ser. E aí nós vamos ouvir com atenção. Por favor!

**O SR. LEONARDO MESQUITA:** Então, continuando, eu tenho dois problemas: eu sou estudante e moro no Extremo-Sul. Para eu ir até a Faculdade, que fica próxima à Rodoviária, eu tenho que sair no mínimo uma hora e meia antes, porque eu pego o Moradas da Hípica, que é o único ônibus que eu posso pegar e que vai até a Rodoviária. Se eu perco o ônibus das 10h45min, que é o horário em que termina a minha aula, eu não volto mais para casa. Então, eu queria ver se o senhor tem alguma posição quanto a isso: algum ônibus que vá até a Rodoviária para quem mora no Extremo-Sul.

Na questão do lotação Hípica, existe uma polêmica instalada: estão dizendo que querem retirar o lotação da Hípica e levar para Ipanema, porque o lotação já era de Ipanema e aí foi para a Hípica. Só que a história não é exatamente essa: a história é que a empresa coloque uma linha em Ipanema e uma linha na Hípica. Não significa que a linha vai sair da Hípica de novo e vai para Ipanema, e vai ficar esse troca-troca. São exatamente dessas as questões que eu queria falar. O recado foi dado. Eu agradeço a quem me ouviu e a quem não me ouviu, também. Muito obrigado.

(Manifestações nas galerias.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada. Neste momento é o Professor Garcia que intervém.

**O SR. PROFESSOR GARCIA:** Prezada Presidente, Sofia; demais membros da Mesa, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, senhoras e senhores, nós temos que ter primeiramente um cuidado, porque aqui não é uma luta de comunidade contra

comunidade. O que se busca é a melhoria do acesso aos serviços para todos. Ouvi atentamente quando colocaram a questão de Belém Velho.

Quero contar que a minha história como Vereador que briga pelo transporte começou justamente em 1997, quando assumi pela primeira vez aqui na Casa – estou no quarto mandato -, com um problema seriíssimo: São Francisco, Salso e Rincão, e criar o transbordo em Belém Velho. Eu tinha uns 20, 30 dias de mandato, e as comunidades reclamando. Aí eu fui lá verificar a história do transbordo e me deparei com outra problemática: os funcionários do Hospital Parque Belém estavam todos chegando atrasados no serviço. E, de maneira ingênua – eu estava recém começando -, entrei com um Projeto de Lei determinando lotação para Belém Velho. E levei um pau aqui nesta Casa, porque, como Vereador, tu podes propor, mas fazer Projeto de Lei para uma linha de lotação é inconstitucional. Não é a função do Vereador! Eu tinha 20 dias de mandato e reconheço o meu erro. A partir daí, eu comecei a usar o Pedido de Providências, que é um instrumento legal, porque, na realidade, nós somos do Poder Legislativo e não do Poder Executivo. Mas quero dizer que, na minha luta, da época, para o Parque Belém, nós conseguimos uma evolução, sim: que o lotação que ia, naquela época, até o Divina Providência, depois de um ano e meio, fosse até o Parque Belém. E é o que acontece hoje ainda. Naquela época, eu era Diretor da Faculdade de Educação Física do IPA e conseguimos, através desse contato, levar uma clínica. Mas, na realidade, o transbordo da Praça Belém, na época, foi um caos. Algo que achávamos que seria uma modernidade, na realidade foi um inferno para os moradores daquela Região.

Mas vou me fixar especificamente, até porque fui citado, na questão do lotação que foi estendido ao Loteamento Nova Ipanema. Primeiro, eu quero dizer para a Andréa, de forma fraterna – tu me disseste que estás morando na comunidade-, que a todas as ruas, do lado esquerdo do Loteamento do Nova Ipanema, este Vereador concedeu o nome. Desde a primeira casa; inclusive, a quarta rua tem o nome da associação, porque, naquela época a associação ganhou, e os moradores, a D. Sandra, que foi a primeira presidenta – e eu estava inclusive participando lá – solicitou que se colocasse o nome da associação. Então, essa luta é uma luta antiga e participamos de inúmeras reuniões. Se tu olhares, tem mais de 50 Pedidos de Providências e abaixo-assinados. Fui eu quem levou? Não, foi a comunidade quem levou, gente! Agora, nós, como Vereadores, temos esse instrumento, o instrumento de pressão. O que eu fiz? Falando com o Cappellari, de

forma fraterna, disse que aconteceu uma coisa *sui generis* no bairro Ipanema. Tem o loteação Ipanema, que deixou de passar dentro de Ipanema. É algo *sui generis*! E eu posso contar que contei sobre Belém Velho. Tivemos uma outra luta, por exemplo, lá no Morro da Conceição, para a extensão também do loteação do Canal 10, e conseguimos, uma época, junto com a comunidade, que fosse até à escola, e hoje já está do outro lado, até o presídio; como foi também a questão do bairro São Luis, que faz seis meses que perdeu o loteação de novo.

Essas situações são assim. Então, eu disse que tenho um compromisso político, sou da base do Governo, mas eu tenho um compromisso com a minha comunidade, e qual é esse compromisso? Ora, desde o nascimento dos loteações, sempre teve loteação dentro de Ipanema e, de uma hora para outra, foram retirados. Então, o que nós fizemos? Vamos tirar do loteamento Nova Ipanema? Não. Está lá, está lá. O que queremos e postulamos é que o loteação Ipanema passe dentro de Ipanema. Como? Não sei. Eu não sou técnico, mas é um direito assegurado, e uma coisa que a minha mãe sempre me ensinou, desde pequeno, é que conquista ninguém quer perder. Aquilo que eu adquiri está adquirido. Eu quero ampliar. Eu quero melhorar. Eu lembro a questão do pessoal da Restinga.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Tempo, Vereador.

**O SR. PROFESSOR GARCIA:** Eu já vou terminar, Vereadora. Há uns dez anos, esta Casa, por lei, ganhou a ampliação do loteação para a Restinga, acima de 30 lugares, e quem era o interlocutor da Região? O Ver. Reginaldo Pujol, que brigou por isso.

Então, eu quero, de forma bem fraterna, colocar que aqui não é uma briga de irmão contra irmão. Nós temos que melhorar o transporte, lutar pelas nossas comunidades. O loteação não concorre, mas, ao mesmo tempo, concorre, porque, quando foram criados, eles não eram para fazer os mesmos modais, e, hoje, se observarmos, os loteações fazem quase que 70%, 80% do mesmo trajeto do ônibus, e não foi essa a idéia quando da sua concepção, quando nasceu. Ela faria articulações radiais, e o eixo final, sim, nas grandes avenidas para ir embora ou para retorno.

Eu quero parabenizar todos pela Audiência. Ver.<sup>a</sup> Sofia, se a gente andar de ônibus às 6h30min, em qualquer lugar do mundo, eles vão estar cheios. Agora, o que queremos é

saber os horários dos ônibus, ter a garantia de que vou estar na parada e que ele vai passar, mas às 6h30min, em qualquer lugar do mundo, vai ter problema. E aqui não tem nenhuma procuração da questão dos ônibus, mas, se nós olharmos os nossos ônibus em relação à totalidade das cidades do Brasil, nós estamos bem. Vamos nos contentar com isso? Não. Nós queremos melhorar e vamos melhorar muito mais, mas temos que fazer este registro. Muito obrigado. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Convido agora a Restinga, o Carlos Alexandre, que é morador da Restinga. Depois, a Marisa da Silva, da UAMPA. Já estou avisando antes para as pessoas chegarem mais pertinho.

**O SR. CARLOS ALEXANDRE VARGAS DE ANDRADES:** Dando boa-noite à Presidente da Mesa, dou boa-noite ao restante da Mesa. Boa- noite a todos, boa-noite a esse povo que é massacrado, a cada dia que passa, com o transporte coletivo. Eu me preocupo. Preocupe-me com várias falas; agora, inclusive com a fala do Vereador. A responsabilidade do transporte coletivo de Porto Alegre é da Prefeitura de Porto Alegre e não da Câmara de Vereadores. A Câmara de Vereadores faz uma lei, tenta provocar a Prefeitura para fazer funcionar aquilo que não funciona, não é? Secretário, eu me preocupo quando o senhor fala sobre transporte na Zona Sul de Porto Alegre. Eu fui Presidente da Comissão de Transporte da 8ª Região Restinga por dez anos. Eu falei várias vezes com o Presidente da STS, falei várias vezes com o Secretário Senna, que era muito técnico – técnico demais até –, e me preocupo Secretário, sabe por quê? Outrora, o transporte coletivo era feito para o trabalhador, para o usuário. Hoje, qualquer um pode pegar ônibus de manhã, domingo, feriados e até em algumas partes de sábado, que não tem o horário de pique de manhã das 6 até às 8 da manhã; o trabalhador hoje trabalha domingo e feriado, e o transporte coletivo não se adaptou ao trabalhador, por incrível que pareça, não é? (Palmas.)

É uma realidade, e a gente tem que ver isso. Eu questionei o Secretário Senna várias vezes por isso. Desculpe eu falar para o senhor, mas a Zona Sul de Porto Alegre, como eu falei para o Secretário Senna e para o Presidente da STS, o Diretor, o Antônio Augusto... Coloquei os dois, um em cada ponta da mesa, porque cada um dizia que mandava. Eu sei disso, eu estava lá na reunião. E aí eu coloquei: qual seria diferença

entre a empresa Carris do consórcio STS ou do consórcio Unibus? A diferença da empresa Carris é que ela trabalha, dia após dia, para o usuário, para o trabalhador. Ela tenta melhorar, a cada dia, para o usuário, para o trabalhador. A diferença da Unibus, que é o consórcio, ou a STS, que é outra empresa lá da Zona Norte, é que eles trabalham com o empresário, com as empresas de transporte. O consórcio veio para melhorar para os empresários, não para melhorar a vida do trabalhador de Porto Alegre! Esta é a realidade. Uma coisa que a gente tem de notar, hoje, é uma realidade. Eu moro na Restinga, nós tínhamos um ônibus – eu vou dizer para o senhor a diferença –, que era o Diretão, que levava 43 minutos até o Centro. Quanto entrou o consórcio, e o pessoal conversou lá com algumas lideranças: “Vamos tirar e botar o UR10 para vocês”. O UR10 é uma lástima; hoje, tem até barata dentro, nos bancos. E aí o que aconteceu? Não servia o Direto para o consórcio STS – Secretário, é uma realidade -, não serve, porque é um ônibus que vai parar somente em cinco paradas e não tem transbordo; não tem descer e voltar, descer e voltar, e não dá lucro para o consórcio. Se não dá lucro para o consórcio, o consórcio não pode mostrar lucro para as empresas.

Então, é uma realidade, a gente tem de ter a realidade, a gente tem de estar por dentro. E aí, esses dias, estávamos na Zona Norte, no Jardim Itú, e um senhor veio conversando comigo, batendo papo, aí passaram as linhas do T-6, do T-11. E perguntei para ele: “Vem cá, tchê, e lá na Zona Sul? E ele: “Ah, morei lá”. O senhor viu, alguma vez, a empresa Carris lá na Zona Sul? E ele: “Ah, não”. Nunca, eu vou dizer para o senhor que a Carris nunca vai chegar lá, porque é uma empresa da Prefeitura de Porto Alegre, uma parte, e o consórcio STS não deixa entrar. A rota do T-11 era para passar pela Restinga e ir lá na Zona Norte, no Aeroporto. O que é que aconteceu? Vai até perto de onde o Ronaldinho mora, e acabou ali. Então, é uma realidade, gente, esse transporte na Zona Sul. Consórcio – vou dizer, com todo o respeito – foi a pior porcaria que fizeram.

Vou falar de lotação – não tem o que falar. Falar de lotação, na Zona Sul, onde há um crescimento, e até a Copa, é a parte de Porto Alegre que mais vai crescer. Aí eu vou dizer que quando houver lá uma quantidade “x” de trabalhadores, o lotação vai para lá. Mas eu quero um lotação compatível com o salário do trabalhador. Eu não quero um lotação lá com 32 lugares, a R\$ 6,80! Aí não vai adiantar, eu vou esperar o ônibus lotado, porque eu não tenho dinheiro para isso!

Então, a pauta do transporte coletivo é grande, é imensa. Nós temos dois circulares na Restinga, alimentadores, que não prestam para nada, só para levar, como aconteceu esses tempos, marginais, que queriam acertar as contas com uma outra gangue, a alimentadora nove – o senhor pode ir lá no 21.º Batalhão e eles vão dizer para o senhor. O pessoal entrou na alimentadora nove, queriam brigar com o pessoal lá de baixo, ali dentro do ônibus estavam dando tiro.

E as crianças, que as mães estão trabalhando, saem de casa e ficam andando de alimentador para lá e para cá; já aconteceram dois acidentes, crianças mortas dentro dos ônibus. Então, nós temos de rever o transporte. E o transporte de Porto Alegre é uma calamidade, gente – uma calamidade! É triste saber que nós não temos mais aquele transporte, sendo que ninguém sabe que os ônibus que vieram, os novos, eles diminuíram 30 centímetros de cada lado. Dois magrinhos, um do lado do outro, não passa um terceiro magrinho, e vão dizer: “Pô, mas esse cara está gordo aqui” – mas o coitado é magrinho! Diminuiu o tamanho do ônibus, o ônibus não é mais aquele ônibus largo.

Todo o gasto das empresas de transporte é pago depois de seis meses, seja para o diesel, seja para os pneus; mas a passagem do trabalhador, a empresa bota todos os dias, no final do mês, para o seu funcionário usar. É uma coisa assim. É muito boa esta pauta do transporte, mas eu tenho de terminar, em respeito à Mesa aqui. Boa-noite.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Alexandre.

A Sra. Marisa da Silva, da UAMPA, está com a palavra.

**A SRA. MARISA DA SILVA SANTOS:** Boa-noite, Ver.<sup>a</sup> Sofia Cavedon, cumprimento, através da sua pessoa, os demais da Mesa e à comunidade que está aqui até este momento. Eu quero dizer para o senhor, Ver. Professor Garcia, que eu não moro em qualquer lugar do mundo, eu moro em Porto Alegre, e eu quero ter o direito de, às 6h30min, vir, com conforto, e não chegar já cansada até o meu serviço. Então, só para dizer isso, que a gente tem de lutar, não se conformar, achar que tem tudo. Mas nós não nos conformamos, senão, não estávamos aqui, estávamos em casa olhando a novela.

A questão da Zona Sul – e tirando a questão da Ponta Grossa -, quero dizer que até é uma questão de saúde. Gente, eu tenho uma amiga minha que estava desempregada há muito tempo, ela mora na Ponta Grossa, e ela conseguiu um serviço aqui no Centro, mas



ela teve de desistir do serviço por causa do tempo que ela fica em pé dentro do ônibus. Ela chegava com dor nas pernas, chegava lá e não conseguia trabalhar, chorava de dor no joelho. Ela não podia se encostar no INSS por causa desse problema, mas também não conseguia trabalhar, e não passava um dia sem sentir dor. Ela ficou muito tempo até desistir de trabalhar por causa desta questão.

Eu sou da UAMPA, que trabalha na Cidade toda, e nós acompanhamos assembleias de associações na Cidade toda. E nós acompanhamos, de ônibus, os diretores da UAMPA, pois não temos carro. Vou parabenizar a Carris, que, realmente, tem muita qualidade, a gente sente a diferença ao entrar num ônibus da Carris e entrar num ônibus de outra empresa, tirando algumas linhas da Carris, como a C-2 ali, que deixa um pouco a desejar, que larga a gente na metade do caminho e assim por diante.

Nós votamos contra o aumento da passagem, mas colocamos um documento lá dizendo que votamos contra, porque queríamos discutir o transporte público de Porto Alegre. Nós fomos, agora, num Congresso da Conam, onde discutimos a mobilidade urbana, tivemos um apanhado do Brasil todo, e com muitos bons exemplos que queremos trazer para Porto Alegre, não só de Curitiba, mas de outros lugares, como o da cidade de São Vicente, que conseguiu evoluir nessa questão, e nós queremos abrir essa discussão, e mostrar.

Eles nos deram uma planilha para discutirmos o preço de R\$ 2,70 a passagem, e, naquela planilha, eles ficam justificando várias coisas, inclusive, um transporte público de qualidade, e a gente sabe que isso não acontece.

Nós queremos discutir, não o aumento, nem que a tarifa volte ao valor anterior, mas discutir os R\$ 2,70 que temos em Porto Alegre. É isso que as comunidades querem.

Outra questão: eu estava indo acompanhar, na Vila Jardim, uma assembleia, o ônibus estragou, e ficamos esperando outro. As pessoas diziam que ficaríamos esperando o seguinte, porque eles não substituem, e as pessoas chegam atrasadas nos seus locais de trabalho. Tinha uma senhora desesperada, porque iria chegar, pela terceira vez, atrasada no serviço. E isso não é contabilizado!

E quanto à questão do transporte de qualidade, quanto mais longe o local de moradia, pior é o transporte. Eles colocam todos os cacos para esses locais bem longe. O ônibus vem batendo, o ônibus estraga, porque as empresas querem poupar os ônibus novos, e colocam todos os cacos para a periferia. Não há um acompanhamento sobre isso. Eu

mesma liguei, várias vezes, para o número 118, para o 156, e não obtive retorno. O senhor falou que a gente tem retorno, mas nós não temos retorno das nossas reclamações. Se alguém está dizendo que eles dão retorno, está mentindo. Tem que checar com esse povo aí.

Então, a UAMPA se coloca à disposição, e acho que esta Câmara de Vereadores não tem que ficar só na Audiência Pública, porque senão vai passar, e nós não vamos ver os resultados – já fizemos isso antes. A gente vem discutir a questão do transporte coletivo em Porto Alegre, mas que tragam os dados para nós, porque ninguém é idiota que não vá entender uma planilha. Inclusive, podemos usar a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sei que existe um estudo sobre isso. Obrigada. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada. A Câmara de Vereadores já está organizando um Seminário para dar continuidade ao debate, a Mesa Diretora definiu assim, e o Ver. Adeli Sell está responsável para fazer uma proposta.

A Sra. Eliana Watanabe está com a palavra.

**A SRA. ELIANA CECÍLIA WATANABE:** Pessoal, boa-noite a todos; boa-noite à Mesa, eu sou moradora da comunidade Belém Velho-Rincão, e quero me solidarizar com todos os moradores da Zona Sul, principalmente, com aqueles que estão reivindicando melhorias no transporte coletivo.

Quero ressaltar, aqui, a fala do Dr. Cappellari, e perguntar para ele por que ele não falou do transbordo em Belém Velho? Ele citou todos os problemas do nosso transporte, mas, infelizmente, Dr. Cappellari, o senhor pecou em não falar do transbordo em Belém Velho, que é o maior caos. Está acontecendo um problema gravíssimo, principalmente na nossa comunidade do Rincão. E eu não quero ser vaiada, eu quero falar dos nossos problemas como cidadã. Nós não podemos mascarar a verdade. Nós estamos com problemas gravíssimos no nosso transporte coletivo, e isso não é de hoje. E não quero ser vaiada, porque estou lutando há anos, e quero dizer que a situação está cada vez mais caótica.

Desta reunião, eu espero que saia daqui a construção e a realização, realmente, de um projeto que vá resolver o nosso problema no transporte coletivo em toda a Zona Sul. Eu não defendo só o Rincão. O Rincão, realmente, é uma situação *sui generis*, porque a nossa capacidade de paciência já se esgotou há muito tempo.

Então, não adianta a gente reclamar! O senhor, doutor, falou de 200 e tantas multas que a Carris recebeu, e a nossa empresa de ônibus, se a gente fosse reclamar todos os dias, teria milhões de reclamações, porque, realmente, a verdade é essa, o problema lá é muito grave. É um desrespeito com o cidadão, e, principalmente, com o trabalhador, que precisa sair de casa, que precisa cumprir com o seu horário de trabalho.

Então, eu gostaria que o senhor fosse conhecer a nossa comunidade do Rincão, e verificasse que a nossa comunidade equivale a um Município do Interior, com milhares de pessoas, onde o transporte coletivo realmente não funciona.

Eu defendo as lotações, sim. Nós não temos lotação, mas eu quero ressaltar que os nossos trabalhadores lá, na sua maioria, são operários, pessoas de baixa renda. E, acima de qualquer coisa, o nosso transporte coletivo precisa ser melhorado, nós precisamos de horários mais diretos lá, porque nós temos dois horários diretos de manhã, dois no final da tarde, diretos, e eu fiz parte dessa luta, e quero que, realmente, sejam colocados mais horários diretos. Eu como cidadã, que vivencio, e escuto os moradores todos os dias, sei que eles querem mais horários diretos.

E quero falar aqui do Ver. Garcia, que fez uma crítica em relação ao transbordo. O transbordo foi criado, Vereador, para facilitar a nossa vida, ele foi criado para que a gente não precisasse ficar, por uma hora, como acontecia, antigamente, viajando, fazendo uma turnê na cidade de Porto Alegre; nós atravessávamos toda a Vila Nova, toda a Cavalhada, todo o Bairro Belém Velho até chegar na Cidade, isso era um absurdo!

Então, o transbordo foi criado para nos facilitar, via Avenida Oscar Pereira, só que realmente a empresa não está cumprindo com o que foi acordado. O acordo foi que os moradores, quando viessem do Rincão e decrescem no transbordo, pegassem outro ônibus em seguida. O que está acontecendo? Está acumulando, é uma palhaçada o que está acumulando: são três, quatro horários para nos levar. Então, não adianta a gente sair cedo de casa, lá embaixo no Rincão, e ir esperar lá no transbordo por mais três horários de ônibus do Rincão para nos levar num único ônibus para o Centro da Cidade. Essa é a verdade!

Então, estou me solidarizando com todos os moradores, e vi que a maioria aqui comenta em relação ao itinerário, à linha que a STS faz (Palmas.). A STS está precisando ser melhorada; ela juntou mais empresas de ônibus, com certeza, para nos facilitar, mas como a população cresceu muito, está na hora de o nosso consórcio estudar uma nova

maneira para ampliar mais a frota. Nós precisamos de mais veículos, de mais ônibus. (Palmas.) Eu acho que é isso, gente. Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada Eliana.

A Sra. Dalcina Vargas da Cunha, representante da Região 8 de Planejamento Urbano, está com a palavra.

**A SRA. DALCINA VARGAS DA CUNHA:** Boa-noite a todos e a todas. Sou Conselheira da RP-8 Restinga e Extremo Sul. (Palmas.) Vou ser direta e objetiva: a EPTC nos deve, e deve muito. A gente chamou, não foi uma, nem duas, e nunca compareceu; e, quando compareceu, não tinha resposta. A gente mandou a pauta e não teve resposta. O Comtu, a gente também agendou e não compareceu na nossa Região de Planejamento. A gente fez oficinas com o Vice, o Sr. Varela, ele estava, mas não nos deram retorno – isso há um ano! Foi encaminhada a solicitação para oito pessoas dentro da EPTC, não tivemos retorno. Ou seja, é um desrespeito com o cidadão; mas, tudo bem.

Gente, para encurtar o assunto aqui. Conceitos Modernos de Sustentabilidade para o Desenvolvimento do Transporte Coletivo. Bonito, não é? É fria! Porto Alegre está transformando a Zona Sul, a Região Sul, sem nenhuma proposta estruturante para o transporte coletivo e sem uma visão de mobilidade sustentável. Sonha-se com metrô urbanos; sabe-se que é utopia, porque têm um custo muito elevado, e, com a Copa, é só área central. Como enfrentar os desafios com o aumento de carros, e o transporte público nessa carência, que já existe, não contemplando as nossas necessidades cotidianas? Eu espero que vocês tenham condições de nos responder.

Vocês têm um Plano Diretor Setorial do Transporte Coletivo, do ano de 2000; Planejamento Estratégico de Integração do Transporte Coletivo da RMPA, de 2006; Plano Diretor Cicloviário e outros; muitos outros que não dá para citar, porque se estende muito, porém há uma grande dificuldade na implantação desses projetos, pois todos requerem muitos recursos, e, aí, mostra que Município, Estado e União não falam a mesma língua. Essa é a prova contundente.

Briga-se, como todos aqui citaram, diuturnamente, por um transporte coletivo de melhor qualidade e maior número de carros atendendo às comunidades; aumento de horários;

lotações – luta de muitos anos, e até hoje nada, só no papel, gente! No papel tudo funciona, papel aceita tudo; na prática, nenhuma.

Nós estamos num Bairro que está recebendo o programa Minha Casa Minha Vida. Todos os projetos são para renda de zero a três salários, ou seja, para a população carente.

A higienização da área central está indo toda para Restinga, quem não acredita, espere e verá.

Restinga, Belém Novo, Lami, Lajeado, Cantagalo, Extrema, Rincão, Hípica, Chapéu do Sol, Ponta Grossa, e muitos outros bairros – como eu digo em todas as reuniões –, que depois do morro, não existem para Porto Alegre, têm carência em tudo. Sentem-se excluídos de Porto Alegre, pois não são atendidos nas suas mais remotas necessidades, como exemplo: o transporte coletivo, os lotações. Nós temos uma linha de ônibus, uma linha de táxi na Restinga para atender a 95 mil moradores.

Para concluir: somos sobreviventes de um sistema precário e falido, gente. Saímos do Bairro e chegamos no Bairro muito mal atendidos. Nós não somos sardinha; sardinha é bóia no azeite. Nós somos que nem atum ralado, que é prensado, gente. Prestem atenção: nós somos mais chiques, nós somos atum ralado! (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Registro a presença dos Vereadores Mauro Pinheiro e Paulo Marques.

O Ver. Sebastião Melo, proponente desta audiência pública, está com a palavra.

**O SR. SEBASTIÃO MELO:** Quero saudar a nossa Presidente e o Sr. Cappellari, e, na figura dos dois, sintam-se todos abraçados e saudados; fico satisfeito, Sra. Presidente, porque, originalmente, lembro, eu e o Pujol, que seria um seminário; que bom que a gente possa remeter para um seminário, porque, por mais capacidade que o cidadão tenha, não tem como, em cinco minutos, fazer uma síntese de uma matéria tão complexa. O Padre Vieira, há quatrocentos anos, já dizia: “Tiro sem bala é como discurso sem prática, troa mas não fere”. Não adianta, esta matéria não vamos resolvê-la com discurso fácil. O Brasil, o Brasilão de hoje é um País, eminentemente, urbano, Cappellari, e entre os desafios urbanos do Brasil, há o desafio da mobilidade urbana. E quando os carros ganham das pessoas, significa que as cidades estão indo à falência. Então, eu sou um apaixonado por esta matéria e convencido de que os governos, os homens públicos, os

entes públicos vão ter que tomar decisões mais drásticas para retirar os carros das cidades. E para isso, eu tenho que qualificar, melhorar muito o transporte coletivo.

Agora, eu quero enfrentar a minha companheira, amiga, leal parceira de debate, Ver.<sup>a</sup> Fernanda Melchionna. Eu quero dizer que a Rede Globo, a SBT, a Rede Record, as rodoviárias, os transportes intermunicipais, interestaduais – ninguém ganhou isso por licitação, tudo é por concessão precária. E o meu amigo Pedro Ruas está enganado, nunca houve licitação em Porto Alegre, nem depois de 1999, e nem antes! Agora, está certo isso? Não está certo, mas isso não se resolve com discurso; isso é um processo em andamento, que tem que haver inventário para tal, e que tem que ter tempo para tal. Em segundo lugar, os senhores acham justo que eu tire dinheiro da Saúde – para esse povo que está morrendo na fila -, para botar nos ônibus? Eu quero dizer que, como Vereador, se houver uma proposta dessas, o meu voto está definido: votarei não. Portanto, não há dinheiro público no transporte coletivo. Existe almoço de graça? Nem almoço, nem janta e nem lanche. Será que os 27% dos que não pagam passagem nesta Cidade, será que todos deveriam estar isentos, Sofia? Será que o cara que anda de Mercedes, encosta na PUC, paga seis por mês, tem que ter direito aos 50% de desconto – será que é correto isso? E a empregada doméstica que tem que pagar todos os dias de manhã? (Palmas.) Então, eu acho que este debate não é simplista. Eu não sou amigo do Cappellari, e muito menos inimigo, mas eu milito nesta Cidade há 30 anos, conheci muitos Secretários, mas eu quero dizer que o Cappellari é um sujeito que ouve, argumenta e decide. E não estou falando isso, Cappellari, porque eu poderia ser da oposição, que eu também diria isso. Então, estou muito contente com o trabalho – ele não é santo milagroso. Eu gostei demais quando você mandou o projeto, e eu não sei se até não vai ser mudado, não tem problema, pode ter um Substitutivo, pode ter um retificativo, Comassetto, eu não quero saber a cor do gato, o importante é que o gato cace o rato! Os meus amigos da ATP, eu não quero saber quem é o dono, se é pessoa jurídica, se é pessoa física, eu não quero saber da ATP, eu quero saber que se o povo quer lotação, que tenha lotação! (Palmas.) “Ah! Porque eu, da ATP, não faço a câmara de compensação, eu não quero contar quantos passageiros eu tenho”. Meus amigos, se este é o caminho, se tem que contar os passageiros, que contem os passageiros, que coloquem no caixa único. O cidadão lá do Belém, se ele quiser entrar no ônibus azul, vermelho, preto, ele tem que ter esse direito, Presidente Sofia. Eu já cansei de dizer: Porto Alegre teve grandes Prefeitos, e todos

fizeram o que podiam fazer. O Olívio tomou uma decisão que teve acertos e erros, ele fez uma intervenção nos ônibus. E eu acho que para os empresários de Porto Alegre – teve o lado ruim, porque o povo teve que pagar essa conta depois -, mas teve o lado bom da profissionalização também do transporte. Eu conheço este Brasil, nós podemos comparar as Capitais brasileiras. É claro que o povo tem razão, o que vocês estão dizendo aqui, vocês têm razão. É duro, é triste, você escutar, e um dia eu ouvi uma empregada doméstica dizer: “Eu perdi o meu emprego, porque estou chegando muito atrasada e o patrão me mandou embora, porque o ônibus não chega no horário”. Então, Cappellari, tenha de nós aqui a certeza de que, pulso firme, esta aqui é a Casa do Povo, eu gosto de Audiência Pública, quem não gosta de ouvir não deve estar no serviço público, porque eu acho que este tipo de Audiência vai te ajudar a tomar decisões, não contra os empresários, mas a favor do povo, porque não tem que haver esta briga de irmão contra irmão; de empresário contra Governo. Nós temos que melhorar o serviço, e por isso estou convencido de que os lotações têm que aumentar e que o transporte tem que melhorar, e que nós temos que retirar os carros das ruas de Porto Alegre. Muito obrigado. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Melo.

O Henrique Pereira Valentini, usuário do transporte coletivo, está com a palavra.

**O SR. HENRIQUE PEREIRA VALENTINI:** Boa-noite. Quero dar boa-noite à Ver.<sup>a</sup> Sofia Cavedon, aos Vereadores aqui presentes, a todas as pessoas que estão aqui. Eu sou morador da Zona Sul de Porto Alegre, mais especificamente do bairro Ponta Grossa, então vou simplificar. É experiência de vida de uma pessoa que necessita de ônibus diariamente, como vocês todos, e eu não tive muito tempo para me preparar, porque fui convidado há dois dias para falar aqui, e acho que nada melhor do que a experiência de vida da pessoa. Eu sei bem o que é pegar ônibus de manhã cedo, no Belém Novo. Na Parada 44, as pessoas que pegam o ônibus ali na proximidade do Estrada Retiro da Ponta Grossa com a Av. Juca Batista, por exemplo, é uma faixa onde o Belém Novo, o Lami, os ônibus que arrancam do Extremo Sul passam batido, muitas vezes não param, e, quando param, vêm sempre lotados. Os idosos, muitas vezes, não têm a possibilidade de sentar – isso das empresas da Zona Sul. Eu não vou citar, porque acho que a necessidade que deve ter de aumento do efetivo dos ônibus da Zona Sul é independente

do consórcio, da empresa que estiver representando a comunidade, aquele bairro neste momento. Então, eu sei que há o pedido dos nossos amigos, dos nossos irmãos da Restinga, do Belém Novo, a respeito do loteação. Eu sou mais uma pessoa que vou consolidar essa ideia, vou apoiar isso, estou aqui para representar vocês nesse sentido, nesta noite. E há o loteação Ipanema, que agora está tendo uma extensão, está indo até próximo à Restinga, uma rótula mais adiante. Eu acho que deveria ter, claro, esse loteação até a Restinga, mas deveria ter o loteação de Belém Novo também. E, para terminar, algumas sugestões que não são só minhas, porque estou acostumado a falar com as pessoas, a ouvir a comunidade. Seria sobre, por exemplo, a linha T11, sobre ampliar a linha do T11 indo até Belém Novo ou até a Restinga. Também a possibilidade da criação de uma linha T11B, que atendesse ou a Restinga ou Belém Novo, que pudesse atender a esse pedaço onde há esse nicho maior de população que necessita diariamente desse transporte. Eu recebi uma folha, que foi dada agora há pouco – como eu disse, eu tive dois dias para me preparar para isso – que é um documento do Ver. Comassetto que já está trabalhando, inclusive, em cima disso, do loteação, nas melhorias para Belém Novo, Ponta Grossa e Restinga. E eu acho que é bom a comunidade saber que já tem alguém se mexendo nesse sentido, correndo atrás. Eu desejo toda a sorte do mundo, que dê certo, que a comunidade possa ser contemplada com isso. E, finalizando o meu espaço, não vou ocupar todo o meu tempo, mas pedindo aos Vereadores, ao Presidente da EPTC, a colaboração exatamente para o aumento do efetivo de ônibus na Zona Sul, e até dar uma sugestão: além dos exemplos que foram citados aqui, como Curitiba, que tem aqueles ônibus com três células, com três unidades, que, em termos de serviço, poderiam atender a uma grande demanda, como é o caso da Restinga, um bairro com quase 100 mil habitantes, e como é de Belém Novo, que é praticamente uma cidade dentro de Porto Alegre, mas nos moldes de uma outra cidade longe, porque ela é muito distante. Ônibus nessas condições seria muito bom. Inclusive, dentro da minha comunidade, falando em particular, na Parada 44 da Av. Juca Batista, no Condomínio Porto dos Casais, existe um anseio daquela comunidade para que seja esticada, por exemplo, a linha do Juca Batista. A gente pede dois horários de ônibus pela manhã, arrancando cedo, um às 6 horas da manhã, e outro às 6h30min, e dois ônibus no final do dia. A gente não quer uma linha com ônibus frequentes de 5 em 5 minutos, ou de 10 em 10 minutos. Isso é só para pegar aquela região, aquelas pessoas que pegam ônibus na proximidade da Av. Juca Batista



com a Estrada Retiro da Ponta Grossa, para atender a essa demanda. E ônibus que pudessem sair, até se for o caso, expresso, direto para o Centro, terminando na volta. O fato é que cresce largamente a população da Zona Sul, está se expandindo muito, são muitos condomínios. Praticamente há 20 anos eu ouço as mesmas reclamações que eu ouço hoje, então a população dobrou, triplicou, vai aumentar mais ainda, mas o transporte não está acompanhando proporcionalmente esse crescimento da Zona Sul. Obrigado. Boa-noite. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Eu quero adverti-los de que nós temos 14 inscritos. Então, quem não precisa usar todo o tempo, que não o use. Não houve negociação na fila para reduzir os inscritos. Mas ninguém é obrigado a ficar até o final, eu gostaria que todos terminássemos juntos, mas eu não quero também cortar a palavra. Se alguém que está inscrito se sentir contemplado e quiser retirar sua inscrição, a gente agradece.

O Sr. Jaires, do Comtu, está com a palavra.

**O SR. JAIRE DA SILVA MACIEL:** Boa-noite a todos, na pessoa da Presidenta Sofia, saúdo os demais integrantes da Mesa, a plateia aqui reunida, o pessoal das comunidades, e, na condição de Presidente do Conselho Municipal de Transportes Urbanos, quero fazer alguns reparos de algumas falas que foram feitas aqui, até porque, se nós pretendemos realmente fazer um debate minimamente sério sobre transporte em Porto Alegre, precisamos ter também, minimamente, informações sobre o sistema. Algumas coisas são ditas e são jogadas ao público, e isso acaba permanecendo como verdade, quando, na realidade, não é isso. Eu quero pedir autorização ao Ver. Pedro Ruas para corrigir a conta que ele fez no início da sua fala, pois, R\$ 5,40, por dia, multiplicado por 10 dias, totaliza R\$ 54,00 e não R\$ 545,00, que é um salário. Pode até ser caro, mas não é a conta que ele fez, e é importante que isso seja dito.

Quanto à manifestação da Sra. Dalcina, do bairro Restinga, eu quero dizer que eu não recebi nenhum convite. Normalmente, quando o Conselho recebe, se o Presidente não pode ir, manda um representante. Na minha mão não chegou nenhum convite.

Sobre a questão que a Ver.<sup>a</sup> Melchionna apresenta aqui – e eu admiro muito o modo como tu trabalhas aqui na Câmara, de maneira aguerrida e corajosa – tem alguns dados

que são importantes e que a gente precisa esclarecer também. Primeiro, que a composição do Conselho tem 20 entidades, sendo que a maioria da representação é da comunidade. Nós temos lá o Orçamento Participativo representado; a UMESPA, que são os estudantes; rodoviários; a Fetapergs, que são os aposentados; a CUT, através do representante da Central Única dos Trabalhadores; os quatro segmentos de transporte representados; seis cadeiras da Prefeitura; a Carris, como operadora; e órgãos técnicos, como o CREA, o Detran, e Brigada Militar, de forma que as decisões e os julgamentos são feitos de uma maneira bastante equilibrada, tendo em vista a composição do Conselho. E são essas pessoas que aprovam a tarifa. O Conselho não determina que a tarifa de ônibus seja A ou B; o Conselho analisa uma planilha técnica que é apresentada pela EPTC mediante o pedido das empresas de ônibus operadoras. Eu já ouvi pessoas dizerem que o Conselho aprova a tarifa em fevereiro, porque, como a maioria do pessoal do Rio Grande do Sul está na praia, a gente faz isso meio que de forma traiçoeira. Não é isso, gente, isso é uma enorme bobagem. A tarifa é aprovada em fevereiro porque o dissídio dos rodoviários é em janeiro. E quando a categoria trabalha o mês de janeiro, reivindicando o seu salário e as suas melhorias – e normalmente fecha esse dissídio no início de fevereiro -, tem que ser negociada essa tarifa, porque a Lei diz que é assim; a Lei aprovada nesta Casa! Então, o Comtu não aprova a tarifa em fevereiro, porque é agente secreto; aprova em fevereiro, porque a Lei assim determina. Ela diz que toda vez que houver ou dissídio da categoria dos rodoviários, ou inflação superior a 8%, cabe aos empresários, sim, pedirem o reajuste. Se vão levar ou não, é outra conversa, mas que cabe nessa época, cabe. Repito: é uma lei aprovada nesta Câmara.

Outra coisa que eu ouço muito é a expressão “caixa-preta”. Eu acho que nenhum preço público é tão transparente e tão claro quanto a tarifa de ônibus em Porto Alegre. Tem uma lei aprovada nesta Casa, tem um decreto assinado pelo Prefeito, que foi publicado no Diário Oficial do Município, e a planilha que é feita, os itens que compõem essa planilha existem na tabela do Geipot desde 1982 – Porto Alegre foi uma das capitais que adotou essa planilha Geipot como modelo de cálculo. Nós podemos até discutir que talvez esse não seja o modelo ideal, *o.k.*, acho até que cabe discussão sobre isso, mas daí a dizer que isso é uma caixa-preta, não é verdade, estão faltando com a verdade. Até porque a reunião que aprova a tarifa é aberta. O Conselho se reúne todas as terças-feiras, e a reunião da aprovação da tarifa também é aberta, não funciona nada a portas fechadas.

Agora, pessoal, não existe mágica – e o Ver. Melo foi muito claro quando falou sobre isso aqui: na composição do preço da tarifa em Porto Alegre, 10% é imposto, que a Prefeitura, o Governo do Estado e a União recebem. Ninguém abre mão dessa fatia de imposto. Então, 10% da tarifa é imposto; de 20% a 22% é o óleo diesel que os ônibus consomem para rodar – e o óleo diesel tem preço internacional, fixado pela Petrobras -; 44%, 45%, dependendo do índice que os rodoviários consigam obter nas suas negociações de salário, é o que impacta a folha de pagamento na tarifa; e 22% a 23% são chassi, pneu e carroceria que, associados ao óleo diesel, somam 55% da fatia de composição da tarifa. E isso tudo, minha gente, tem preço internacional. Nenhuma companhia de pneu vai vender pneu no Brasil com prejuízo em relação ao mercado do Exterior. Então, essa inflação, que a Vereadora fez o comparativo, até pode ser levada como um item para ser discutido, mas não dá para comparar com a inflação setorial de um mercado globalizado e internacional, porque quem fabrica ônibus é a Mercedes-Benz, é a Volvo, que são companhias internacionais. Essa inflação é setorializada internacionalmente, não pode se comparar com a inflação do Governo Federal, que coloca o índice que entende que deve colocar aqui. Mas eu acho que a discussão é válida, tem que haver essa discussão, sim, e quanto mais aberta ela for, melhor, mais transparente, porque caixa-preta eu não aceito. Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Jaires.

A Sra. Ana Maria Lehn, usuária do transporte coletivo, está com a palavra.

**A SRA. ANA MARIA LEHN:** Boa-noite Sofia e a Mesa. Eu pertenço ao lapi. Todo mundo fala na Zona Sul, e eu acredito também que eles estão reivindicando alguma coisa que têm direito, porque, em uma ocasião, quando fui visitar uma comadre lá na Restinga, do lapi até a Restinga, eu levei quatro horas, gente, um absurdo. Sai de um ônibus e entra em outro, é um atropelo incrível.

Eu quero ser rápida e objetiva. Eu resido no lapi, conheço todo o pessoal da Zona Norte – lapi e Passo D'Areia – e tenho credibilidade. Eu quero dizer que lá praticamente 70% dos moradores são idosos, e eles têm um problema muito sério com os ônibus, começando pelo lapi. Dizem que o lapi é “tele-entulho”, que só tem velhos, que ficam na parada por 15, 18, 20 minutos esperando um ônibus, o que é um absurdo. Eu já vi, fiquei ali

esperando para ver o tempo do ônibus. Alguns motoristas, eu não vou generalizar, que são mal-amados, de mal com a vida, não esperam quando o velhinho vem, chutando a perna direita porque a perna esquerda está cansada.

Tem também o T1, o T1D e o Comum, que vêm do Triângulo até o Viaduto Obirici. E no retorno da Zona Sul – Zona Sul que eu digo é Petrópolis –, ele chega até a rua do Hospital Conceição, atravessa a Av. Assis Brasil e segue para o Triângulo. O pessoal que desembarca lá, eu também desembarco, tem que fazer todo aquele trecho a pé, às vezes, por não ter dinheiro. Eu já vi isso aí, eu assisti, porque eu vim caminhando com uma pessoa. E com o T7, a mesma coisa. É difícil usar o T7, porque o retorno também é muito difícil. O T4 desce a Estrada do Forte, para no Cristo Redentor, e não vem para o outro lado.

A Av. Sertório é um absurdo, porque quando chega feriado, e final de semana também, não tem ônibus, não tem lotação. Eu, que moro próximo a rua do Postão, na Panvel, ali embaixo, durante o dia tenho acesso, de segunda-feira a sexta-feira, mas, no final de semana, eu não tenho. Eu não posso ir até a Av. Sertório e pegar um ônibus para ir até o Big. É isso que eu estou reivindicando. Eu gostaria que vocês dessem um apoio ao lapi, que é muito bem servido pelo Ver. Sebastião Melo, todos gostam muito dele, ele dá uma assistência muito grande. E eu gostaria que, quanto ao ônibus, à parte do coletivo, do lotação, que vocês resolvessem com mais carinho. Agradeço a vocês pelo espaço.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Muito obrigada, Ana. Apesar do espanto do público, os elogios aos Vereadores são bem-vindos, porque, afinal, também trabalhamos bastante.

O Sr. Rodolfo Mohr, do DCE da UFRGS, está com a palavra.

**O SR. RODOLFO MOHR:** Boa-noite a todos e todas que já resistem há duas horas, que vão ficar para ouvir as explicações e que vão ter que voltar de ônibus, assim como eu, quando acabarem as demandas desta Audiência Pública.

Quero saudar a Presidente da Casa, a Ver.<sup>a</sup> Sofia, fazer uma menção especial à minha colega que honra a história do nosso DCE da UFRGS, a Fernanda, Vereadora aqui de Porto Alegre, e dizer algo que nos impressiona. Eu comecei a frequentar a Câmara de Vereadores com a eleição da Fernanda, em 2008, e aqui acontece algo que o Ver. Melo

falou: é muito discurso, e as coisas, na prática, demoram a mudar. Viemos para cá, hoje, escutamos uma série de dados, uma série de versões, mas quando pegarmos o ônibus, amanhã de manhã, ele vai seguir lotado, nós vamos seguir espremidos, ele vai seguir caro. Agora de noite, quem for ao Centro pegar ônibus, ou o T1 aqui ao lado, como é o meu caso, se perder o ônibus, vai ter que esperar 20, 25 minutos chegar o próximo.

Acho importante falarmos do preço, porque eu acho que a composição do preço foi muito bem explicada pelo Presidente do Comtu, o Jaires, em detalhes, não é uma caixa-preta, só que o preço segue sendo muito bem explicado, mas segue sendo abusivo e injusto, porque o salário das pessoas, somado à inflação, segue sendo uma crueldade com quem trabalha e com quem estuda. E aí dizem que o culpado é o aposentado e o estudante. Eu acho isso um mistério, porque nos cálculos mirabolantes do mercado internacional do diesel, do pneu, do óleo, do salário e do dissídio, tem medo e tem injustiça, porque, desde que entrei na universidade, todas as vezes que eu tentei entrar na reunião do Comtu em que se aprovou aumento de passagem, assim como aconteceu no ano de 2011, nós fomos barrados seja pelo segurança da Prefeitura, seja pela Brigada Militar. Os estudantes e o povo de Porto Alegre não têm direito a assistir à sessão, e depois a gente recebe uma votação fria, onde só aparece o voto de um e o voto de outro. Eu quero dizer que nós, estudantes, somos mal representados, porque a UMESPA, quando vota a favor do aumento da passagem, não representa a maioria dos estudantes de Porto Alegre.

Como estudante da UFRGS, o Sebastião Melo, nosso Vereador, deve saber que na UFRGS há muitos alunos com dinheiro, como na PUC, e os meus colegas que têm dinheiro vão de carro, e transformaram, por exemplo, a Rua Ramiro Barcellos, onde tem a UFRGS, numa das ruas com mais assaltos a automóveis na Cidade: há muitos carros; roubam-se muitos carros ali – há um problema de segurança grave.

O que eu quero dizer com isso é que o estudante que tem dinheiro da PUC, da UFRGS, da ULBRA, da Unisinos, não anda de ônibus; anda de ônibus quem precisa. Tenho certeza de que, se tivéssemos como trabalhar ao lado de casa, preferiríamos ir a pé, de bicicleta, ir de qualquer jeito, mas pegar o ônibus, da maneira como ele é hoje, é algo que ninguém aqui tem prazer de fazer.

Eu sou lá da Zona Norte, há cinco anos que vou para a faculdade de T6, vou espremido – vamos como atum ralado, não é? A gente só não boia no azeite! -, mas agora que vai ficar frio e que o ônibus vai andar com as janelas fechadas, todo o mundo sabe o bafo

que fica, fica tudo úmido dentro do ônibus, aí um dá um espirro, e a gripe A se espalha no ônibus, e as condições de quem trabalha e de quem anda de ônibus vão seguir sendo miseráveis.

O terminal Triângulo levou anos para ser concluído e hoje vive um problema grave de congestionamento. E não é porque a Prefeitura tem aumentado as linhas, é porque todos os ônibus da Região Metropolitana, junto com os de Porto Alegre, chegam ali e aquilo entope. Cadê a baldeação? A integração não é botar o cartão para todos ônibus, não só isso – e agora quero falar aqui para o Secretário, pois é primeira vez que tenho a oportunidade –, pelo amor de Deus, Secretário, vamos negociar com o Secretário da Região Metropolitana, porque cada bairro da Zona Norte, do Eixo da Baltazar, do Eixo da Assis Brasil, de Gravataí, Cachoeirinha, Alvorada, todos passam ali, trancam o terminal Triângulo e depois vão trancando até o Centro. Quem volta pelo Viaduto Obirici vê aquela fila com 30 ônibus – não sei se aqui tem algum rodoviário da Zona Norte – 30 ônibus! –, a gente vê de cima do Viaduto Obirici uma fila inesgotável. O nosso camarada ali sabe que é assim que funciona. E o que a Prefeitura fez? Botou dois, três telhadinhos a mais ali no Obirici, vamos meter mais ônibus! Não, tem que ter integração real! E aí, me desculpe, tem que enfrentar os interesses dos empresários, sim, porque são eles que não querem abrir mão. Por que todos os ônibus da Zona Norte vão até o Centro? Trancam o Centro, trancam a Av. Assis Brasil, trancam as paradas de ônibus! Então, são problemas de gestão.

Eu quero concluir só dizendo uma coisa: é muito fácil vir aqui falar e jogar o usuário contra o motorista e o cobrador. Quando aumenta a passagem, no dia 9 de fevereiro – quando aumentou a passagem num passe de mágica -, no outro dia o cara vai pagar e não sabe, não é? Um dia é R\$ 2,45 e no outro é R\$ 2,70, então xinga o motorista, xinga o cobrador, e a gente faz questão de dizer: não é para xingar o motorista e o cobrador! O povo de Porto Alegre não pode pagar tanto por um serviço que não está a altura do preço. Sinceramente, todo o resto do Brasil é muito bonito, a gente pode ter o melhor, mas o melhor do Brasil continua sendo uma porcaria! Espero que esta audiência tenha frutos concretos a partir de amanhã. Obrigado. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** O Sr. Luís Afonso Martins, representante da CUT/RS, está com a palavra.

O importante é que estamos gravando todas as falas que serão instrumentos de trabalho desta Câmara, do Ministério Público e da EPTC.

**O SR. LUÍS AFONSO MARTINS:** Boa-noite a todos e todas. Sou Conselheiro Municipal de Transportes, colega do Sr. Jaires, no Comtu, representante da CUT. Quero saudar a Mesa na figura da ilustre Ver.<sup>a</sup> Sofia Cavedon, boa-noite.

Pessoal, eu espero, como já foi dito nas falas aqui, que este debate seja o primeiro de muitos que se deva ter para rediscutir o transporte problemático de Porto Alegre. De acordo com as falas aqui existentes, se constatou uma coisa: o transporte público de Porto Alegre é o melhor do Brasil; mas aos olhos de quem? Acho que é do empresário, é o mais rentável, porque, das falas da população que foram feitas aqui, se constataram inúmeras irregularidades e um descaso com a população. Então, acredito que não será só nesta noite. E como o companheiro Jaires falou, algumas correções têm que ser feitas de acordo com o ponto de vista de cada um, evidentemente, porque vivemos em um regime democrático.

Companheira Vereadora Fernanda, sou Conselheiro no Comtu, acredito que você acompanhou a minha luta, o meu enfrentamento, porque acredito, sim, que a planilha tarifária de Porto Alegre serviu a um determinado momento econômico que viveu o País. E o companheiro Jaires sabe da minha luta lá dentro, diversas vezes eu questionei, porque é uma planilha ultrapassada, os dados têm que ser revistos. A prova evidente que há nisso é o que a Ver.<sup>a</sup> Fernanda, quando veio aqui, mostrou: os índices. Hoje a falácia de que o salário do rodoviário é que impacta a tarifa não convence mais ninguém, porque os números são reais, contra os números não existe forma de lutar. Está claro e evidente que não é o salário do rodoviário que impacta a tarifa; então, hoje nós não podemos mais levar a culpa.

Outra questão que me preocupa é que diversas maneiras foram criadas para fazer investimento no transporte de Porto Alegre, mas eu não vejo um transporte de qualidade e de segurança se não se falar na saúde e no dia a dia do trabalhador rodoviário, porque a peça principal, a peça fundamental para que essa máquina funcione bem é o motorista e o cobrador. Quero fazer um apelo às pessoas das comunidades. Hoje o trabalhador rodoviário é o guarda-chuva de todos os transtornos que fazem com que o sistema de transporte não dê certo: reclamação do horário, da superlotação. Nós – eu, de profissão,

sou motorista de ônibus também, sou motorista da linha T11 – não temos culpa se o trânsito está congestionado, se os horários não são suficientes. Ver. Sebastião Melo, o senhor falou que o trabalhador tem que escolher se quer ônibus da cor branca, preta, azul, amarela. Os projetos que estão em andamento, da atual Administração, que correm a passos largos, não são de implantar mais ônibus no sistema, mas, sim, corre o projeto de diversas baldeações, aqui criticadas, como no Belém Velho. Vocês imaginem quatro portais gigantescos como no Belém Velho. O número de reclamações vai aumentar, porque a tendência é tirar 40% da frota de ônibus de Porto Alegre! Aonde vai essa superlotação? Mais uma vez é o povo que vai pagar! A ideia de que os portais virão para resolver o problema do usuário... Não sei, sinceramente. Eu tenho 30 anos no transporte coletivo e questiono frontalmente o projeto que hoje está posto, que caminha a passos largos, e não se vê nenhum movimento contrário a esse tipo de coisa. Então, pessoal, vou deixar uma pergunta no ar: é o melhor transporte do Brasil aos olhos de quem? Acho que é dos empresários, na minha avaliação, é o mais rentável, porque para a população e para os rodoviários não é, nós é que sentimos na pele todo o devaneio que hoje existe no transporte público. Obrigado. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Luís.

O Sr. Osni Keller está com a palavra.

**O SR. OSNI KELLER LIMA:** Boa-noite a todos, boa-noite a todas! Prometo não utilizar os cinco minutos a que tenho direito. Sou morador da Zona Sul há pouco mais de 35 anos – tenho 35 anos – e acho que quem mora na Zona Sul sabe dos problemas sérios que enfrentamos nessa que é uma das zonas que mais crescem em Porto Alegre. Contrariando as pesquisas que apontam que Porto Alegre é uma das grandes Capitais que menos crescem, Porto Alegre tem crescido, sim, se comparada consigo mesma, com a própria Porto Alegre que conhecemos, e um dos principais pilares de sustentação do crescimento de Porto Alegre, que está sendo trazido aqui por cada um dos que ocupam esta tribuna é, sem dúvida nenhuma, a Zona Sul de Porto Alegre, que é onde, imagino eu, boa parte das pessoas que estão aqui residem há muitos anos. Está claro para quem mora na Zona Sul de Porto Alegre e para quem não mora, está claro também para o Poder Público que essa região da Cidade, da Capital gaúcha é uma região que ainda



pode crescer. É por isso que todos os investimentos privados estão indo para essa localidade. Ocorre – e já foi falado aqui – que os investimentos públicos não estão acompanhando o grande crescimento populacional que a Zona Sul vem vivenciando. São inúmeros os empreendimentos imobiliários – condomínios de luxo ou não, loteamentos populares, novas casas -, ocupações irregulares, muita coisa. A Zona Sul está crescendo excessivamente, eu ousou usar a expressão, assustadoramente, e a estrutura da Zona Sul não está acompanhando o volume de pessoas que têm ido morar nessa Região da Cidade. A estrutura de Saúde, a estrutura viária – de estradas -, mas, sobretudo, que é o que estamos falando aqui, a estrutura de transporte público não está acompanhando o crescimento da Zona Sul. Vou citar apenas um bairro, o bairro onde resido, Ponta Grossa. Respeitosamente, gostaria de fazer um reparo aqui: não concordo com a fala do Presidente da EPTC. Cabe ressaltar que não faço parte de nenhum partido político, de nenhuma associação de bairro, nenhum tipo de religião, nada; sou um morador, apenas, nada mais. Quem ouve o Presidente da EPTC falando imagina que nós moramos numa outra Cidade. Mas a EPTC existe para controlar o fluxo dos ônibus, para haver controle dos problemas que acontecem na circulação de ônibus do transporte público de Porto Alegre. Agora, os problemas vivenciados... Eu poderia citar Restinga, Belém Novo, Lami, mas vou citar Ponta Grossa, que é o bairro onde eu moro. São inacreditáveis os problemas enfrentados pelos moradores do bairro Ponta Grossa, junto com os da Restinga, Lami, Lageado, Belém Novo, são inacreditáveis os problemas que sofrem os moradores do bairro Ponta Grossa que usam o transporte público, são gestantes, jovens, crianças, trabalhadores, pessoas humildes, a grande maioria das pessoas que residem naquele Bairro são pessoas humildes, que trabalham dez, doze horas por dia e são obrigadas a enfrentar filas, a caminhar mais de um quilômetro para poder ir até o final da linha do ônibus, para não irem esmagadas no ônibus. Isso não vale só para as seis, sete horas da manhã, em qualquer horário da manhã, no meio da tarde – nos horários das aulas – e principalmente no final do dia, em que iniciam as aulas das faculdades. É inacreditável, é absurda a humilhação a que os moradores do bairro Ponta Grossa estão sujeitos diariamente no transporte público. Repito: poderia citar outros tantos bairros, mas vou falar apenas do meu Bairro, não estou ganhando nada para estar aqui hoje. Então, é inadmissível.

Ouvindo o Presidente da EPTC falar, imagina-se que o transporte público de Porto Alegre é fantástico, pode ser fantástico, existem ônibus muito bons em Porto Alegre, eu poderia citar a linha Juca Batista, cujos ônibus, todos, têm ar-condicionado e passam de cinco em cinco minutos. Agora, os ônibus Ponta Grossa e Belém Novo passam de quarenta em quarenta minutos e, quando vêm, vêm lotados, levam de 1h20min, 1h30min até o Centro de Porto Alegre. Quem mora em Belém, quem mora em Esteio, Cachoeirinha ou Gravataí chega primeiro do que quem mora na Restinga, em Belém Novo, na Ponta Grossa e, sobretudo, no Lami, no Canta Galo, no Rincão ou no Lageado. É inadmissível! Nós, moradores de Porto Alegre, chegamos ao Centro depois de quem mora nas cidades adjacentes da Capital. Eu gostaria de contrapor também um Vereador que esteve aqui, acho que foi o Ver. Sebastião Melo, que disse que os Prefeitos de Porto Alegre fizeram o que puderam; me desculpe, respeitosamente, Vereador, mas não fizeram. O povo não aguenta mais sofrer na parada de ônibus, no frio e na chuva. O povo de Porto Alegre, a Zona Sul de Porto Alegre não aguenta mais, a cada inverno, a cada verão, sofrem demais, na carne, na parada de ônibus, para pegar um ônibus. E o Ponta Grossa, muitas vezes, sujo, sujo; e, às vezes, os cobradores e os motoristas incapacitados, porque ganham mal e porque não são treinados. Então, é inadmissível, a população não aguenta mais debate, Vereador, a população não aguenta mais debate, a população precisa que os Vereadores, que foram eleitos, façam alguma coisa por nós, imediatamente.

Para finalizar, foi falado aqui sobre o Presidente do Contran. O Presidente do Contran mencionou que não é às escuras que é feito o ajuste das tarifas; respeitosamente, eu discordo: o reajuste tem que ser feito quando os trabalhadores estão trabalhando, e não em fevereiro, tem que ser feito em março, em abril, tem que haver o debate. A tarifa de Porto Alegre é muito cara, e o serviço de transporte é um dos piores. Se nós estamos ganhando dos outros Estados, pessoal, pobre dos outros Estados, nós precisamos melhorar, me desculpem. Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** O Ver. Mauro Pinheiro está com a palavra.

**O SR. MAURO PINHEIRO:** Presidente Sofia, Secretário da EPTC e demais autoridades da Mesa, nossos Vereadores, nossos convidados da galeria, eu até nem gostaria de manifestar, mas, devido às manifestações, a gente acaba sendo impulsionado para a

tribuna, até porque a gente acaba gostando, não é Comassetto? Mas hoje eu acho que deveriam estar os 36 Vereadores aqui, Ver.<sup>a</sup> Sofia, escutando o povo, já que muitos deles reclamam que a Ver.<sup>a</sup> Sofia está indo às 6h30min andar de ônibus e que ele está lotado, e eles acabam não acompanhando, pelo menos deveriam ter vindo escutar, para entender melhor o nosso transporte. Quero parabenizar a Ver.<sup>a</sup> Sofia, em algumas oportunidades acompanhei essa guerreira que foi em quase toda a Cidade, não é Sofia? Em algumas vezes eu tive o privilégio de estar junto com a Sofia, andei junto no ônibus e vi a dificuldade das pessoas, e as reclamações são em toda a Cidade – não é privilégio nem da Zona Sul, nem da Zona Norte, nem do Leste. Em qualquer lugar que se vai, em qualquer comunidade que se vai, Cappellari, há reclamações das mais diversas – como, por exemplo, ter que esperar o transbordo. Nesta semana, na terça ou quarta-feira, estive com a Sofia lá no Belém Velho, acompanhamos um rapaz, Comassetto, que chegou às 7h, nós estávamos lá desde as 6h30min, Cappellari, falou que estava voltando do serviço e teria que aguardar o ônibus, ele foi embarcar no ônibus, depois de trabalhar a noite inteira, às 7h30min, para voltar para casa; depois de trabalhar a noite inteira, o trabalhador ficou 30min a espera de um ônibus – é complicado.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**O SR. MAURO PINHEIRO:** Isso que ela está dizendo que chegou na hora, mas ele ficou 30min esperando o ônibus. Então, tem algumas questões que é difícil para o trabalhador, viu Sr. Bronzatto, o senhor que é um empresário que cobra o horário, e com razão, mas ele ficou 30 minutos numa parada esperando, fica difícil, e aí a gente entende.

A questão das lotações também: em qualquer comunidade que se vá – é na Restinga ou é lá no Parque dos Maias, ou é no Costa e Silva – a pessoa quer ter o direito a uma lotação, e têm poucas lotações para atender a toda comunidade. Aonde se vai também, ou é na Lomba do Pinheiro, ou no Partenon, reclamam: “Pô! Agora tem uma comunidade nova aqui, e o ônibus não chega. Eu tenho que caminhar tantos metros para cá, um quilômetro para lá, outro para lá, eu tenho que pegar um alimentador para ir até lá para pegar um ônibus no Rincão.” Então, aonde se vai, Cappellari, tem uma transformação da Cidade, e a população não se sente contemplada. Então, eu acho que mais do que nós, Vereadores, podemos fazer... E aí, às vezes, somos cobrados, porque não botamos uma

linha, mas, infelizmente, não temos esse poder de executar, nós podemos fazer o que estamos fazendo: ir às audiências públicas para escutar, ir à comunidade, pegar o ônibus junto e escutar, e juntar as reclamações para tentar forçar que o Executivo também force a concessão, para que realize o que todos nós queremos, ou seja, a melhoria do transporte coletivo. Não adianta reclamarmos, dizendo que a população tem que andar menos de carro e mais de transporte coletivo, porque, se todos deixarem o seu carro em casa hoje, não vai haver ônibus para todo mundo, vai ser uma dificuldade. Então, como vai funcionar? Na Zona Norte, por exemplo, na Av. Protásio Alves, o corredor só vai até uma parte. Quem sai da Vila Safira, da Vila Leopoldina, do bairro Rubem Berta, aquele pedaço da Av. Manoel Elias, pela Av. Protásio Alves, até entrar no corredor, passando a Av. Antônio Carvalho, fica 30, 40 minutos para conseguir chegar ao corredor. E, no Orçamento do Município, não estão previstas verbas para isso. Então, temos diversos problemas em diversas partes da Cidade, e não daria, em cinco minutos, para falar tudo o que escutamos durante esses dias.

Sei que o Cappellari está há pouco tempo ali na EPTC e tem feito um bom trabalho, tem-se dedicado muito, temos que dizer isso, temos que dar os parabéns a ele, e até dizer ao nosso amigo da CUT que o Cappellari não é a favor daqueles Portais. Acho que os Portais ficaram fora; graças a Deus, o Senna saiu e levou a ideia dos Portais junto.

Mas eu quero fazer uma proposta ao Cappellari no sentido de que possamos fazer as audiências públicas descentralizadas e nas regiões, até para facilitar a vida dos trabalhadores das comunidades. Então, que façamos essas audiências públicas descentralizadas, quatro, cinco, seis, por regiões, junto com a EPTC, junto com os Vereadores, para que a gente possa discutir o problema de cada localidade, concentrar-se em cada região, e, junto com a EPTC, tentar fazer um novo estudo, um novo rearranjo da cidade de Porto Alegre, do transporte coletivo, para que a gente possa buscar as soluções por região. Muito obrigado. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** O Sr. Gerson Luís de Ávila Assis, Vice-Presidente do Sindicato dos Rodoviários, está com a palavra.

**O SR. GERSON LUÍS DE ÁVILA ASSIS:** Boa-noite, trabalhadores rodoviários, Presidenta, componentes da Mesa, Vereadores, meus vizinhos do bairro Restinga, onde

resido há 39 anos. Nós estamos aqui e ouvimos muito sobre transportes, com sugestões plausíveis, outras nem tanto. É uma matéria muito forte para se debater. Há necessidades e anseios de comunidades como do bairro Restinga. É histórica a luta pelo lotação, pelo transporte seletivo para essa comunidade, e, inclusive, é verdade que houve Lei aprovada nesta Casa, só que nunca foi posta em prática, e por incompetência de quem? Vamos debater, alguém foi incompetente. Agora, essa Lei já foi aprovada nesta Casa, Vereadora e Vereadores.

O que a gente quer colocar aqui é um pouco da nossa dificuldade no dia a dia, é trazer um pouco da nossa experiência e do porquê do transporte coletivo da nossa Cidade ser tão conturbado, ter tantos atrasos, ter tantas reclamações.

Mas é fundamental separarmos o joio do trigo. Primeiro, os trabalhadores rodoviários – como eu falei, trabalhadores –, são tão trabalhadores quanto os passageiros que transportamos com o maior carinho, com a maior dedicação e com o maior zelo. E nós nos esmeramos nisso. Às vezes, por conta da peculiaridade do serviço, aparecem alguns conflitos. Peço desculpa à comunidade. Por conta disse às comunidades que não são os trabalhadores que provocam isso, é o caos do dia a dia da nossa Cidade, é o estresse de uma jornada muito longa. Pasmem, Vereadores, não sei por que isso não mudou ainda. E pasme, comunidade, a grande maioria dos nossos terminais não tem as mínimas condições de higiene para a nossa saúde; nós não temos sanitários nos terminais, nós temos essa carência. Imaginem uma jornada de oito, nove, dez horas, sem poder ir a um banheiro. Como é que alguém vai estar conduzindo, com toda a tranquilidade que vocês merecem, um ônibus? Como alguém vai conseguir ficar, durante uma hora e quarenta minutos, sentado atrás de um volante, com a preocupação de que não pode derrubar o passageiro, que algum pedestre que esteja com alguma intenção suicida vá se jogar em frente do ônibus? Porque isso acontece muito! Como é que alguém vai conseguir trabalhar após passar por uma situação dessas? Nós somos obrigados. Seja no transporte privado, seja na Carris, quando acontece algum tipo de acidente, a nossa jornada de trabalho tem que ser continuada, ela não pode paralisar.

Temos direito às nossas férias, como qualquer outro trabalhador de qualquer outra modalidade, seja durante o verão, seja no inverno, não importa quando. As nossas folgas ocorrem, como a grande maioria, não é a totalidade dos trabalhadores dos outros segmentos, no sábado e no domingo; o trabalhador rodoviário tem uma folga por semana,

e é dia sorteado. A dificuldade do transporte no domingo, não é porque o motorista e o cobrador têm que folgar, porque nós trabalhamos sábado, domingo, feriado. Vinte e quatro horas, por dia, a categoria rodoviária faz esse eixo da Cidade circular. Então não é uma responsabilidade nossa.

Eu fico muito preocupado quando vejo o Presidente do Comtu vir aqui querer justificar o preço caríssimo da nossa tarifa – que é muito cara para quem paga, nós sabemos disso, é muito cara -, e dizer que grande parte disso é por culpa dos trabalhadores rodoviários. Isso é uma grande mentira do Presidente do Comtu! É uma grande mentira, porque, se eu receber 8% de aumento, se eu represento 40% ou 50% da tarifa, seria 4% do reajuste da tarifa, não mais do que isso. Então, não pode vir com hipocrisia aqui e querer jogar o povo contra os trabalhadores rodoviários, isso é inadmissível! Os rodoviários não aceitam mais isso.

Eu quero colocar para vocês um problema gravíssimo que o trabalhador rodoviário e os passageiros enfrentam, Presidente, Vereadores, com um discurso hipócrita desta Câmara de Vereadores, que não muda, que é o passe livre. Por que esse maldito passe livre não é em uma segunda-feira, para quem está desempregado poder buscar emprego? Por que esta Casa não muda isso? Por que, em época próxima às eleições, ninguém discute isso? Por que isso não muda? Por que temos que sofrer com “bonde” dentro dos ônibus fazendo arrastão? Por que, quem quer sair com a sua família e usar o lado social do passe livre, tem que ser alvo de ameaça dos “bondes”, dos quais vira refém. Ninguém mais sai de casa em dia de passe livre! Todo mundo fica dentro da sua casa! Todo mundo fica dentro da sua casa, porque não tem segurança. Não tem segurança só no dia de passe livre, é no dia a dia de trabalho! Quem dos que estão presentes aqui que, um dia, não vivenciou ou não viu alguém ser assaltado e não se sentiu refém do assaltante que estava dentro do ônibus? Porque a Brigada fala que só um ônibus foi assaltado! Hipocrisia dos nossos governantes que não garantem a nossa segurança, porque, quando um ônibus é assaltado, há 40 vítimas, no mínimo, que são os passageiros, junto com o motorista e o cobrador. Por que não discutem isso? Por que, em dia de futebol, não importa qual torcida, se foi derrotada, ela desmonta um ônibus? Por que ela atinge quem está saindo do seu serviço e quer ir para a casa? É com pedrada, com bomba caseira – isso é um absurdo! Por que isso não é discutido aqui? Agora, Vereadora, é importante

colocar para a comunidade que, há muito tempo, a gente luta e debate com a EPTC. Já apresentamos várias sugestões para todos os Secretários que ali passaram.

Quem está nos ouvindo e prestando atenção é o Secretário Cappellari. Nós sugerimos que um dos grandes problemas da Restinga é que aquele terminal é uma rodoviária; todo mundo vai para o terminal e embarca ali, o ônibus sai lotado. Quem pegar o ônibus na segunda parada, vai virar atum. E, para o resto das comunidades, por que não há uma linha específica?

O Secretário já está pensando na possibilidade, até dentro da Restinga, de fragmentar o transporte: o ônibus começar a sair de ciclos, de paradas mais para frente. Ele já está estudando essa situação, e os trabalhadores rodoviários contribuíram com isso.

Eu quero dizer que estamos do lado de vocês, porque, assim com vocês, somos povo, somos trabalhadores e também dependemos desse transporte coletivo, porque, quando saímos do nosso serviço, também somos transportados amassados. Está na hora de muitos abrirem mão dos seus lucros, para melhorar para quem realmente paga, que é o Zé Povo, que está aí! Muito obrigado, pessoal. Boa-noite. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, gostaria de informar que já temos uma data agendada para o debate sobre a segurança nos ônibus.

O Ver. Sebastião Melo está com a palavra.

**O SR. SEBASTIÃO MELO:** Presidente, uma Questão de Ordem. Eu prezo muito o debate em nível elevado. Acho que essa é a razão da democracia. Acho que o companheiro excedeu em dizer que esta Câmara é hipócrita. Há um ditado muito antigo: pode haver um rei mais inteligente do que povo, e um ditador mais burro, mas não há Parlamento melhor do que o povo. Ninguém chegou aqui por decreto, e ele sabe. Isso é Lei Complementar que vem do Executivo. Não foi um Vereador que propôs o passe livre!

(Manifestações nas galerias.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Por favor! Pessoal, por favor, não é possível que não possamos ouvir o contraditório. Informo a todos que há sete intervenções.

O Ver. Paulo Marques está com a palavra.

**O SR. PAULO MARQUES:** Saúdo os componentes da Mesa, Presidente Sofia e todos presentes neste Plenário. Sem dúvida nenhuma, o que todos aqui já disseram e que está se constatando é que existe um grande conflito na cidade de Porto Alegre em relação ao transporte coletivo. Eu seria capaz de dizer que existe, companheiro Cappellari, quase uma guerra civil em relação a isso. Existe um enfrentamento das pessoas, uma discussão. Isto é o que esta Câmara está fazendo: enfrentando a discussão.

Não existe transporte coletivo sem planilha de cálculo. Não existe transporte coletivo sem estudos. Para isso, há necessidade que se envolva técnicos e que se faça esta discussão. A passagem tem que ser R\$ 2,75, não tem problema nenhum. É cara, é horrorosa, afeta o bolso do trabalhador, mas, pelo menos, que se ofereça, Secretário Capellari, um transporte de qualidade, um transporte que realmente seja o transporte de R\$ 2,75, mas que eu pegue o meu ônibus, que eu não me atrase, que eu possa ter o acesso a esse serviço relativo aos R\$ 2,75, que eu pago.

Há várias queixas de toda a Cidade. Eu já disse, existe um conflito na cidade de Porto Alegre em relação a isso. Mas nós precisamos constatar uma coisa muito importante. O Extremo-Sul da cidade de Porto Alegre tem sido esquecido e tem sido considerado como um apêndice da cidade de Porto Alegre! (Palmas.) A Restinga só tem um tipo de transporte coletivo, que é o ônibus, e a Restinga tem o direito de escolher, todo o cidadão tem o direito de escolher em que ônibus quer embarcar, em que tipo de transporte quer embarcar.

Nós, quando assumimos a Câmara de Vereadores, no dia 30 de abril do ano passado, tivemos a petulância de apresentar um projeto que criava o transporte seletivo para a Restinga e Belém Novo. Fizemos isso, e alguns dizem que há inconstitucionalidade e não sei mais o quê, mas o objetivo desse Projeto foi que se levantasse uma discussão, e essa discussão aconteceu nesta Casa e está acontecendo. Fruto desse Projeto, esteve aqui o competentíssimo Secretário Capellari, com discussões na CUTHAB, com discussões na comunidade; eu estive na Restinga, discutindo com a comunidade do OP. Enfim, levantamos a discussão, criamos a celeuma e estamos, aqui, dando continuidade a essa discussão. Isto, inclusive, trouxe a atenção do Prefeito, que pediu à EPTC que fizesse um estudo básico do lotação e do transporte seletivo na Restinga. Esse estudo foi feito, foi entregue ao Prefeito em meados de fevereiro e que está sendo discutido. E eu tenho certeza de que, talvez no segundo semestre de 2011, nós vamos entrar, sim, na Restinga,



dentro do transporte seletivo, porque o Prefeito teve esta sensibilidade e entendeu o que nós viemos fazer aqui.

Gostaria de dizer que é importante nós fazermos esta discussão, é importante que vocês participem, é importante que todos venham aqui e deem o seu posicionamento, para que o Secretário Capellari possa entender o todo da Cidade, porque esse não é um problema deste Governo, é um problema da sucessão de governos que esqueceu o Extremo-Sul e que esqueceu o transporte coletivo. Nós não acreditamos em mobilidade urbana sem um transporte coletivo de qualidade! Ninguém vai deixar o seu carro em casa, se não tiver um transporte coletivo de qualidade que lhe tire da sua casa e lhe leve até o seu local de trabalho. Muito obrigado pela oportunidade. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Paulo. Espero não ter te atrapalhado, porque eu tenho que avisar o tempo e, às vezes, eu interrompo.

A Sra. Maria Beatriz de Oliveira está com a palavra.

**A SRA. MARIA BEATRIZ DE OLIVEIRA:** Boa-noite, Presidente da Câmara; boa-noite, Secretário Capellari, Presidente da EPTC. No momento, sou moradora da Zona Norte, e tem aqui o amigo da Fernanda, que falou em nome da Zona Norte, e também o Ver. Mauro Pinheiro, que esteve lá, também foi testemunha do que está acontecendo. Fala-se muito na Zona Sul. Acredito, realmente, que a Zona Sul é muito prejudicada, mas deem uma olhada para a Zona Norte. Eu moro, mais especificamente, na Timbaúva 2, Rubem Berta. Eu pego um ônibus alimentador, para me deslocar pela manhã até o final da linha Rubem Berta. Existe uma linha chamada Rápida, R-62, que, na realidade, de rápida não tem nada. Outra coisa – aí, eu questiono –, por que só a Conorte comanda a Zona Norte? Alguém já deu uma olhada no *site* da Zona Norte, da Conorte? Vocês sabem quantos ônibus eles disponibilizam para a Zona Norte? Quatrocentos e noventa ônibus, sendo que a Zona Norte é uma Zona que concentra o maior número de pessoas, muitas! A Zona Norte é imensa. Isso é inadmissível, teria que ser o dobro. Eu espero que o Poder Público Municipal dê atenção a toda a Cidade, mas não esqueça da Zona Norte. Eu sou uma eleitora, uma representante das pessoas da Zona Norte. Eu sou eleitora e tenho o dever de votar. E, se eu não o fizer, tenho que prestar conta. Se eu não provar por que eu não votei, eu vou ter que pagar para a União, vão me cobrar uma multa. Eu estou aqui

solicitando um direito que é de todos, que é a dignidade em relação ao transporte público. Isso está previsto na Constituição, que o ser humano tem que ter dignidade, e não estamos tendo. Estamos sendo transportados dentro dos ônibus como animais, como dentro de umas carroças. (Palmas.) Onde eu moro, no Timbaúva 2, existe uma avenida que comporta levar o Rubem Berta até lá, uma avenida extensa, bem larga. Por que não sai do papel e não levam até lá? Por que continua a alimentadora? Por que as pessoas têm que sofrer? Por que as crianças têm que ir amontoadas para a escola? Os trabalhadores, pela manhã, pegam a alimentadora até lá, chegam lá cansados, e depois esperam o Rápida, que, diz a EPTC que é de dez em dez minutos, Presidente, mas não, não é! É de 20 minutos, muitas vezes 30 minutos! Por que não colocam um maior número de ônibus na linha? Eles tentaram fazer uma mudança na semana passada, e até agora ainda está acontecendo. Em vez de o ônibus vir pela Av. Castelo Branco, pela Av. Voluntários da Pátria congestionou muito mais, piorou muito mais, demorou muito mais! E não só lá daquela Zona também. Por que não é estendido um corredor ali na Protásio, na altura do SESC, até a Manuel Elias? Desafogaria o Leopoldina, o Rubem Berta, o Mário Quintana! O Presidente da Comtu tentou se explicar aqui quanto ao valor da passagem. Realmente, ele falou que a culpa era dos rodoviários. As pessoas não ouviram bem, mas ele colocou claramente que o valor da passagem é repassado ao Município, ao Estado e à União. Quer dizer, todos estão ganhando! E as Empresas, como a Conorte, por que não é cobrado da Conorte? Por que a EPTC e a Prefeitura não cobram, ou da AES Sul? E sei lá qual outra empresa. Eu estou falando especificamente da minha Zona, como moradora e como usuária. Por que a EPTC não cobra horário? Por que ela não cobra mais números de ônibus na linha e profissionais qualificados para a mesma função? Porque muitas vezes deixa a desejar.

Eu acho que era isso aí mesmo que eu tinha para falar. Eu espero, sinceramente, como eleitora e como usuária que paga pela passagem, que seja olhado para o lado da população que usa, do trabalhador que necessita do ônibus diariamente. Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Maria Beatriz.

O Sylvio Nogueira, da Associação de Moradores do Centro, está com a palavra.

**O SR. SYLVIO NOGUEIRA PINTO JÚNIOR:** Boa-noite a todos, boa-noite à Mesa, dirigentes desta audiência. Eu queria uma observação, mais para a Câmara de Vereadores, para a Presidente Sofia: eu não acho adequado um Vereador falar numa audiência pública, pois audiência pública é para o povo. Os Vereadores têm todos os dias para fazer as suas intervenções. E, de repente, porque o povo tem um linguajar mais frouxo, vamos dizer assim, não é Vossa Excelência para cá, Vossa Excelência para lá, sabendo que o Vossa Excelência, muitas vezes, não merece o título de Vossa Excelência, ficam sensíveis a alguma palavra mais ou menos forte que o povo coloca em seus discursos. (Palmas.) Então, me parece, Presidente Sofia, que discutir com a Câmara que audiência pública é para ouvir o povo, com sua linguagem rebuscada ou não, usando expressões populares, inclusive, para que os ouvidos sensíveis não fiquem chocados, e, depois, venham questionar a população nas suas intervenções.

Outra questão é a dos transportes, que é divertidíssima. Eu sou da Associação dos Moradores do Centro, mas tem uma palavra que nos une, que é solidariedade. Os movimentos sociais constroem e devem ter, necessariamente, solidariedade com aquele movimento da Restinga, com aquele movimento do Centro, com os trabalhadores rodoviários que fizeram uma greve nesses últimos períodos. Inclusive, foram visitados para saber quais eram as suas reivindicações. Este é o sentimento que deve envolver todos os movimentos sociais: solidariedade. Porque os problemas que ocorrem em transporte, como, por exemplo, na Restinga, que está presente aqui em número expressivo de pessoas, também ocorre para o Centro. O Centro é uma grande rodoviária das 8h às 20h. É uma loucura o Centro de Porto Alegre nesses períodos mais ou menos. Por isso, nós estamos aqui, para questionar sobre o transporte. E não só do transporte específico, se público ou se privado, mas o sistema de transporte de Porto Alegre. E lembro que, há tempos, houve uma intervenção no sistema das empresas de transporte de Porto Alegre. O que é que se verificou naquele período? Que todos os lucros dos empresários eram utilizados para outros negócios, que não eram para qualificar o transporte de Porto Alegre. Essa foi a grande qualidade daquela intervenção, embora não tenha tido continuidade. Hoje se sabe que, naquele período, seria negócio com pedras preciosas, enfim, não era para qualificar o transporte da sua população.

E esta questão também é importante, porque vocês têm que saber da realidade: porque até hoje não tem licitação pública para qualificar essas empresas aqui? Elas são *ad*

*eternum*, elas não têm período de validade. E isso passa de administração por administração e ninguém cobra! Nenhum Vereador vem a esta tribuna... Pode ficar! Nós temos que ter uma licitação pública já neste ano, que saia a licitação pública! As empresas, então, tendo essa facilidade política feita por seus administradores vão levando no peito, até onde puder, para aumentar seus lucros, porque se não tivessem lucros, não estariam hoje comprando alguns ônibus, até ônibus de qualidade muito discutível. Os corredores dos ônibus novos têm menos de um metro, acho, porque, se tu pões a juventude com as mochilas que eles têm e uma pessoa mais ou menos gordinha, ninguém mais passa nos corredores, só empurrando, empurrando, empurrando até poder sair pela porta dos fundos! Então, isso é uma questão da Administração Pública. É nisso que temos que centrar as questões. Exigir, sim, que se façam licitações públicas periodicamente no transporte público, cuidando e fiscalizando para que tenhamos transporte de qualidade na Restinga para o Centro, na Zona Norte, na Sul, na Leste e temos que estar presentes, os movimentos sociais têm essa obrigação, independente de outros movimentos de participação que nós tenhamos em nossas comunidades.

Eu acho muito interessante o que foi dito pelo presidente do Comtu, não sei se alguém notou, mas eu notei, sobre a composição da passagem. Ele falou: impostos, 10%; *diesel*, 22%; pessoal, 45%; chassis, 22, 23% – 100% do valor da passagem vai para custos! E onde está o lucro do empresário? Aí tem! Aí tem, gente! Alguma coisa está errada! Ou o presidente do Comtu está errado, ou então os empresários retiram da sua contabilidade os lucros que obtêm! Esse é uma idéia que fica sobre essa questão.

Então, companheiros, companheiras, trabalhadores do transporte que aqui estão, nós temos, sim, que ter unidade, solidariedade para exigir desta Administração, das outras administrações que vierem, que deem transporte de qualidade, sim, para a população de Porto Alegre!

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Sylvio. Vou levar o tema da participação dos Vereadores nas audiências públicas. Os Vereadores que estão falando também estão ouvindo.

A Sra. Anadir Alba, conselheira da Região 6 do Planejamento Urbano, está com a palavra.

**A SRA. ANADIR ALBA:** Boa-noite, Sofia, parabéns por essa iniciativa; presidente Cappellari; Cristina, da EPTC; Vereadores; comunidade aqui presente, eu não vou aqui, apesar de ser conselheira da Região Sul – com a minha colega Dalcina, do Extremo-Sul, o Eduíno, da Lomba do Pinheiro –, me reportar a questões que já foram colocadas. O que hoje se colocou aqui foram questões extremamente sérias e que nós, da Região 6, junto com a Região 8 e também com a Região 5 de Planejamento, que se agregou agora, já no ano passado, no início do nosso mandato, fizemos reuniões com a EPTC – a Cristina esteve lá numa reunião do Fórum –, e estabelecemos, dentro das prerrogativas que temos dentro do Conselho, escolher dois temas por ano para serem estudados, aprofundados, para que seja feito o diagnóstico e proporcionado encaminhamento de soluções – a nossa prioridade da Região 6, Região 8, agregada também a 5 de Planejamento, esta do Cristal; portanto, dali pega todo o pedaço da Glória, Região 5, pega toda a grande Região Sul, a partir do Iberê Camargo. Nós solicitamos um diagnóstico, um estudo pormenorizado do sistema viário das nossas três Regiões. Por que nós fizemos isso e por que a RP 8 chamou a EPTC, por que eu chamei a EPTC lá? Porque o nosso diagnóstico, mesmo que empírico, é o do dia a dia, daquele que fica 30, 40 minutos na parada de ônibus; é o sentimento que todos vocês e toda a população dessa Região sofre e tem que suportar todo o santo dia. Então, desde lá, a comissão de trabalho, que foi constituída, não fez uma reunião. Esse é o tratamento que está sendo dado para aquilo que nós, das três Regiões, que compõem a Grande Região Sul, estabelecemos como prioridade. A Dalcina faz parte, até agora não foi convocada! A conselheira da SMOV e a coordenadora! Não foi feita uma reunião para dar início ao estudo de diagnóstico que nós solicitamos, entregue em 2 de agosto do ano passado. Além disso, só quero acrescentar, depois de tudo que foi dito aqui, que eu já tenho um diagnóstico e que, quando nós pedimos o estudo, nós já tínhamos esse diagnóstico que vocês expuseram aqui hoje. E não teve ninguém da Região Sul, e aqui nós tínhamos uma presença maciça e todos falaram da Região Sul.

A expansão populacional que nós temos tido nos últimos anos e teremos ainda muito mais daqui para frente – e já vou dizer por quê – na nossa Região não vem baseada, acompanhada de um planejamento mínimo, gente! O mínimo de implantação de infraestrutura em relação à quantidade de pessoas que estão indo morar na Zona Sul. Nós aprovamos, numa única reunião do Conselho do Plano Diretor, três projetos do

Minha Casa, Minha Vida, na Av. Edgar Pires de Castro, em que vão 16 mil famílias. Na Restinga, na RP 8, de oito projetos aprovados que estão em andamento, são 35 mil pessoas a mais que vão para lá – projeto Minha Casa, Minha Vida –, sem falar nos outros projetos para classe média, e classe rica que são aprovados diariamente – não o Minha Casa, Minha Vida, os grandes projetos que são aprovados para a classe A que hoje não têm a contrapartida de que se cumpram. Não adianta falar de ônibus, valor da passagem, nós temos que falar também de infraestrutura, de avenidas, de ruas que têm que ser alargadas, e as poucas que foram acordadas... vou citar aqui só um exemplo: em 2001, foi aprovado projeto, na Av. Diário de Notícias, de quatro torres, da empresa Goldsztein, quer teria como contrapartida o alargamento da Av. Wenceslau Escobar da Av. Diário de Notícias até a Av. Pereira Passos; deveriam entregar a contrapartida até 2005. Entregaram? Está lá a Wenceslau Escobar estreitinha. Não é dinheiro público que precisa para fazer, é dinheiro de comprometimento da empreiteira que tinha que ter cumprido e que a Prefeitura não cobra a contrapartida exigida. Assim nós temos várias situações de contrapartidas que não são cobradas, que são aberturas e alargamentos de ruas. Cito mais um exemplo: aprovamos um projeto, há pouco tempo, que nós dizíamos que a EPTC tinha que ter um parecer mais pormenorizado do impacto que aquele empreendimento de treze torres na esquina da Av. Juca Batista com a Av. Cavalhada, seis mil e poucas pessoas, se não me falha a memória. Nós temos um problema eterno na Av. Cavalhada que toda Zona Sul sente, nós temos um alargamento, uma extensão por fazer, é para alargar aquela avenida há muito tempo. O que acontece na Av. Cavalhada? O ônibus está aqui, ele não tem um recuo, que é um pedacinho de asfalto, gente, que poderia ser posto para o lado, para poder ter um recuo do ônibus para o fluxo de carros andar. O ônibus para em cima da avenida para a população subir e descer. São coisas mínimas – mínimas! – em que falta planejamento. Só para encerrar, quero dizer que, cada vez mais, a população da Zona Sul tende a aumentar. Como tirar carros da rua, se não tivermos transporte coletivo que comporte ou que, pelo menos, consiga carregar todo mundo? Eu reforço aqui algumas reivindicações que são importantes, que as pessoas me pediram, que nós temos lutado. Nós estamos lutando para tirar a parada do T11 de cima de um parque, o único parque de Ipanema, e que ele seja estendido até a Serraria. Nós precisamos, cada vez mais, de ônibus transversais, porque não dá mais para aguentar ter que sair da Região Sul, ir até o Centro, para depois ir para a Zona

Norte. É necessária uma extensão imediata do T11 até o Serraria, pelo menos. E o Campo Novo está pedindo também ser contemplado. Nós precisamos urgentemente, Presidente Cappellari, coordenar os horários de ônibus com a saída dos colégios, à noite. Nós temos vários exemplos de escolas que encerram as aulas às 23h. Às 22h30min, passa o ônibus; depois, às 11h30min. A gurizada tem que ficar na porta da escola pelo menos por meia hora, esperando. A Escola Odila Gay, em Ipanema, é a que mais tem me reclamado isso. Isso acontece em vários colégios da Região Sul. Além de transporte coletivo, gente, se nós tivermos escola, creche, posto de saúde lá no fundão, é muito menos gente para pegar ônibus para ir ao posto da Tristeza, para ir aos Comerciários, para ter que atravessar a Cidade para buscar atendimento em saúde. Muito obrigada, e parabéns a todos por esta nossa noite. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** O Sr. Eduino de Mattos, Conselheiro da Região 7 de Planejamento da Lomba do Pinheiro/Partenon, está com a palavra.

**O SR. EDUINO DE MATTOS:** Boa-noite a todos, boa-noite à Mesa, boa-noite, Cappellari. Cappellari, primeiro, quero parabenizar a EPTC pela estação Rafael Clark, que a gente tanto cobrou e que já está pronta. Agora, esperamos a melhoria do corredor de ônibus de toda a Av. João Pessoa e de toda a Av. Bento Gonçalves, porque aquele corredor está descolando o cérebro dos motoristas, de tanto calombo e buraco, e dos passageiros também. Em 1972 – vou falar isso, porque já caducou –, era na época da ditadura, houve aumento da passagem. Nós queimamos dois ônibus na Vila Jardim, resolvemos o problema! Não quero incentivar a violência, mas, naquela época, nós resolvemos a situação: não subiu o preço da passagem. Peguei um ônibus Ipiranga/PUC, às 9 horas, no fim da linha, na Intercap. Ele levou 45 minutos até o Centro, ali na Av. Mauá. Eu ia a São Leopoldo, peguei o Trensurb e marquei o tempo. O Trensurb passou por cinco Municípios e gastou 42 minutos.

Aqui para o companheiro do Sindicato: não vou falar aqui se eu sou contra ou a favor do passe livre, mas o dia 1º de maio, pessoal, foi um caos! Eu saí de manhã e voltei no final da tarde. Fui esperar o Bonsucesso aqui na Rodoviária. Eu fiquei esperando 40 minutos pelo Bonsucesso, que vai até a Lomba do Pinheiro, e veio como uma lata de sardinha, entupido de gente. Quando chegou perto do hospital psiquiátrico, no Partenon, tinha um

Bonsucesso pifado. Bom, aí já não foi mais sardinha; acabou dando uma briga dentro do ônibus.

O que aconteceu no dia 1º de maio foi o seguinte, pessoal: 15 dias antes, todo mundo estava convidando os trabalhadores para a festa. Isso é normal dia 1º de maio; os trabalhadores saem com as suas famílias e vão às festas dos sindicatos, enfim. Aí, o que é que acontece? As empresas retiram os ônibus, no dia de passe livre! E aí? Como é que o trabalhador fica? O crescimento populacional da Lomba do Pinheiro-Agronomia, pessoal: 6,3% ao ano. Vocês sabem qual é o crescimento de Porto Alegre? 1,2%.

Então, Cappellari, aquela discussão que está acontecendo na Lomba do Pinheiro para melhorar o transporte coletivo lá e todas as reuniões que aconteceram lá foram em vão, porque continua igual. Nós temos o Herdeiros superlotado, nós temos o Bonsucesso superlotado. Nós temos ainda uma questão que é proibida nos ônibus: aparelho sonoro ligado. E nós temos várias linhas de ônibus da Região – o Agronomia, o Herdeiros, o Bonsucesso – em que as pessoas ficam no fundo escutando *funk*. E ninguém faz nada; o motorista e o cobrador têm medo de alertar o pessoal para desligar aquela porcaria. Então, é uma situação que tem que ser resolvida!

Outra situação, pessoal, que eu fiquei sabendo na semana passada, que é para os motoristas. Eu não concordo com isso. Eu fiquei sabendo, através de um motorista, que existem espões à paisana dentro dos coletivos. Isso aí, pessoal, é um terrorismo com os trabalhadores! Como é que pode acontecer isso? Quem é que está fazendo isso? Quem contrata esses espões? “Ah, eu não posso largar um passageiro ou parar duas vezes aqui no terminal, porque tem um espião dentro do ônibus.” Espera aí um pouquinho; espião? Isso é irregular! A Unibus, a Sudeste têm o pessoal identificado. Quem é que está fazendo isso aí? É a EPTC? São as empresas? Então, pessoal, com esse tipo de terrorismo a gente não concorda! E a Lomba do Pinheiro, Cappellari, se não melhorar, nós vamos trancar a João de Oliveira Remião. Obrigado. (Palmas.)

**O SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES:** O Sr. José Maurício Vieira da Silva está com a palavra.

**O SR. JOSÉ MAURÍCIO VIEIRA DA SILVA:** Boa-noite a todos. Eu sou da Zona Norte e vim aqui para lembrar o Secretário Cappellari – achei uma oportunidade. Eu sou do



Condomínio São Francisco; são três condomínios com 400 apartamentos, com 1.200 apartamentos, e mais ou menos 4 mil pessoas se mudaram para lá. Eu vou ser breve. Solicitamos lotação, não tem ainda; um aumento no número de ônibus, pelos menos nos horários de pico. Aquela situação da Av. Baltazar de Oliveira Garcia, Centro-Bairro, passando da Estrada Martim Félix Berta, tem uma descida perigosa onde os carros se precipitam em alta velocidade com direção a Alvorada, e não tem uma lombada, não tem nada. E o pessoal ali está atravessando para pegar o ônibus na Baltazar de Oliveira Garcia em lugar inadequado. Não tem uma sinaleira ali, não tem nada.

Eu queria pedir que o senhor não nos esquecesse, não esquecesse de todos os assuntos falados, que já foram bem-falados. Eu quero pedir só mais uma coisa, agora para os Vereadores: existe um número de lugares, nos ônibus, colocados para idosos, deficientes, grávidas. Eu queria dizer aos Vereadores e ao Cappellari que isso já não é mais verdade. Vocês peguem ônibus e vão ver grávidas em pé. Nem mulher dá lugar para mulher! Então é o seguinte. Motorista é motorista, cobrador é cobrador. Pelo menos uma fiscalização, lá de vez em quando, nesse sentido... Obrigado.

(A Ver.<sup>a</sup> Fernanda Melchionna assume a presidência dos trabalhos.)

**A SRA. PRESIDENTE (Fernanda Melchionna):** O Sr. Olivaldo está com a palavra.

**O SR. OLIVALDO BRUSCH:** Boa noite. Eu faço parte da TL. É uma pena que temos poucos Vereadores aqui. Eu quero fazer uma reivindicação e uma reclamação ao nosso nobre Ver. Professor Garcia, que não está mais presente. Gostaria que ele fizesse como a nossa Presidente, a Ver.<sup>a</sup> Sofia, que pegou o ônibus, às seis e meia da manhã, e foi verificar isso. Gostaria que o Ver. Garcia estivesse na linha Jardim Isabel acompanhando o nosso trabalho, antes de vir fazer uma denúncia nesta Casa e fazer uma denúncia no Ministério Público devido ao atendimento. Ele, como Vereador, tem acesso ao Cappellari, à Cristina, e que peça a pesquisa que foi feita lá. Tem outros Vereadores, mas eu não os conheço. Eu conheço bem o Comassetto e gostaria que o Comassetto falasse com ele e que a nossa Presidente tomasse uma providência, porque é um absurdo o que o Garcia está fazendo. Nós, por seis anos, ficamos pedindo alteração daquela linha para a Hípica. O pessoal antigo, o Senna, nem nos atendia. O Cappellari não fez politicagem, fez um

serviço técnico, mudando aquilo lá em cima de levantamentos. Hoje, estamos respondendo a uma denúncia no Ministério Público, e eu gostaria de estar presente. Não fui intimado e nem convidado. Gostaria que a Presidente da Câmara providenciasse que nós, como permissionários, fôssemos intimados para juntos dar explicações. O Garcia está fazendo uma politicagem que não é verdadeira, gente! Estamos convidando ele para que ele faça o que a Presidente fez, que vá junto conosco fazer a contagem dos passageiros. A EPTC já tem essa contagem, fez pesquisas, e temos tido problemas sérios com o Cappellari, que já andou recolhendo carros nossos lá porque é impossível trabalhar lá. Ele andou nos multando lá. Trabalhamos na Hípica carregando 400 passageiros e fomos trabalhar na Jardim Isabel carregando 30 passageiros. Temos problemas com falta de motoristas, os nossos motoristas são comissionados. Então, gostaria que a Câmara nos desse a oportunidade de acompanhar essa audiência no Ministério Público, porque essas denúncias não são verdadeiras. Temos muito a agradecer ao Cappellari por ter tido a coragem de fazer um serviço técnico e não político. Volto a dizer, o que o Garcia está fazendo é uma politicagem que não é verdadeira, gente! Os números estão aí, Comassetto. Peça para a Cristina, para o Cappellari e para a Presidente que te passem os números da última pesquisa. Estamos trabalhando? Estamos. Com uma dificuldade muito grande, fomos trabalhar lá. Não existe passageiro, o índice é muito baixo. Gostaríamos que alguém olhasse para isso com mais carinho e que não fizessem politicagem em cima disso. Obrigado. (Palmas.)

(A Ver.<sup>a</sup> Sofia Cavedon reassume a presidência dos trabalhos.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Olivaldo. Nós, de pronto, com certeza, aceitamos fazer o roteiro. Nós, os Vereadores, vamos agendar, vamos combinar isso. Muito obrigada. Acho que é importante, porque todos os Vereadores agem no sentido de tentar ajudar a população. Às vezes, não se consegue aglutinar as duas vontades, e, às vezes, o que está faltando é estar presente de fato.

Nós ainda vamos conceder a palavra. Eu sei que o pessoal está em pé, está indo embora, mas eu quero construir os encaminhamentos; nós vamos ouvir o Bronzatto. Antes de o pessoal sair, vou deixar dito que já está acolhida a sugestão do Ver. Mauro Pinheiro, e vamos fazer uma audiência por consórcio, pegando a região, para nos aprofundarmos. O

seminário também vai sair. Esse seminário será feito pelo Presidente da CUTHAB, o Ver. Pedro Ruas, e pela Casa. Vamos ver se faremos ainda em junho. Digo isso para que o povo saiba que tem encaminhamento concreto desta reunião, e reunião é para isso.

**O SR. ENGENHEIRO COMASSETTO:** Presidenta, eu não posso deixar de trazer uma pequena grande preocupação com o que nos foi trazido. Em relação ao Programa Minha Casa, Minha Vida, que é o programa de reassentamento populacional para baixa renda, o primeiro inaugurando na cidade de Porto Alegre foi o Camila, com 192 famílias. Aqui há duas senhoras que acabam de me informar que perderam o emprego porque o transporte coletivo não atende ao Camila, e uma das premissas para o reassentamento, no Minha Casa, Minha Vida, é ter feito isso. Portanto, amanhã temos que ver essa situação com o Dr. Goulart, imediatamente, junto ao Município. Resolve-se um problema e se cria outro.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** O endereço do Camila, para a gente registrar, por favor.

**O SR. ENGENHEIRO COMASSETTO:** Estrada João Antônio da Silveira, esquina com o Beco da Paixão.

**A SRA. FERNANDA MELCHIONNA:** Ver.<sup>a</sup> Sofia, só para agregar aos encaminhamentos. Dois temas perpassaram a audiência inteira além da questão do lotação, e eu acho que nós temos que nos incorporar à visita ao Ministério Público e apoiar a reivindicação da comunidade. Quanto à questão do tempo de espera nas filas, nas paradas, com horário marcado, nesse sentido, temos que fazer algum encaminhamento. Tem que ter a resolução. Já conversei com o Secretário Cappellari, que é sempre muito solícito quando ligamos, mas temos que garantir um aumento na frota em determinadas linhas que foram apontadas hoje na audiência pública e que estão apontados nos relatórios da Câmara. Então, não são apenas as que foram apontadas hoje, que foram várias, mas há outras linhas para se reivindicar o imediato aumento da frota.

A segunda questão é fundamental: a auditoria do aumento do transporte coletivo, porque, de fato, os números aqui não bateram, tanto das planilhas técnicas apresentadas, quanto, enfim, da fala do senhor do Comtu, e que pudéssemos fazer uma Comissão entre

Câmara, Governo, entidades e sociedade civil, para auditar pelo menos as últimas planilhas.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Fernanda.

O Sr. Waldir Bronzatto está com a palavra.

**O SR. WALDIR BRONZATTO:** Presidente Sofia Cavedon, Secretário Cappellari, nós pertencemos a uma zona de pessoal que compõe 70% de profissionais liberais, no Norte de Porto Alegre: Associação Três Figueiras e Chácara das Pedras. Nós ouvimos a densidade das preocupações de todos e achamos, dentro da nossa associação, que deveríamos alargar as responsabilidades sociais. Nesse sentido, contatamos o Secretário Cappellari para atuarmos na Zona Norte de uma forma conjugada. Sem dúvida, a sociedade, de um modo geral, se ela não se acordar para tudo que estamos passando neste País, aqui em Porto Alegre, certamente, a miséria tomará conta da Cidade.

O Centro de Porto Alegre é um caos. Não foi falado aqui em automóvel, mas o automóvel é o compositor dessa situação, pois ele toma os lugares: vai um indivíduo ali dentro, quando, no espaço, poderiam ser doze pessoas. Ele é o motorista, e isso eu acompanho no Centro, porque eu caminho muito. Eu corro há 41 anos. Gosto mais de andar a pé, venho das Três Figueiras, muitas vezes, a pé, porque eu também estudo a questão dos miseráveis que estão na rua. A nossa entidade criou três tipos de trabalho: segurança, trabalhando com a Brigada Militar apontando coisas, é coisa impressionante o que acontece no campo da prostituição. É uma coisa estarrecedora! A prostituição no Centro de Porto Alegre é algo inimaginável, de pessoas a partir de 13 anos. Tenho diversos lugares marcados, já se fez trabalho com a Brigada Militar em busca de um trabalho que possa contornar esta situação, que é um desastre.

Eu gostei muito, Presidente, quando aparecete indo num ônibus. Vocês foram também lá na cidade velha de Porto Alegre, onde eram as indústrias, no 4.º Distrito, não é isso? Com o devido respeito, há muita gente dos Poderes Públicos que não sai dos gabinetes, são os “engabetados” – parece que o adjetivo não existe, mas a gente pode aplicar -, não conhece a realidade.

Eu tenho funcionárias da Zona Norte, nos últimos nove meses, que já necessitaram 43 minutos, e, da Zona Sul, de 48 minutos. No mercado, nesse *shopping* que está ali, as

peças têm funcionários que saem às 23h30min, quase meia-noite, com insegurança também na passagem. O ônibus T1, que eu pego seguidamente, traz estudantes universitários, os quais não dão os lugares para as pessoas!

Então, nós temos um problema muito sério de educação, em todo o sentido. O motorista, quando ele entra num automóvel, a cabeça dele muda, e a Psicologia e a Sociologia têm que passar a estudar essa gente, porque eles vão por cima! Aqui no Centro, as passarelas brancas não são respeitadas, e há as pessoas de idade, as pessoas com crianças, senhoras com sacola... Não inventaram aquele negócio de espichar a mão – não foi o Cappellari -, jornais e mais jornais, gastos e mais gastos com isso? Como é possível? A pessoa não costuma fazer isso; como é que ela vai largar uma sacola para espichar a mão? Então, disseram que não, que já estava numa terceira fase dessa grandeza do *marketing*, essa coisa chamada *marketing*, que inferniza o País.

O Centro, então, Cappellari... Há necessidade, no Centro, de se dar Segurança para as pessoas. Eu tenho bastantes fotografias, é uma coisa estarrecedora os buracos que há também para as pessoas de idade. Porque o mercado, o comércio popular foi banido da rua, foi para o Centro. Hoje, é na Rua Voluntários, etc, e os *shoppings* foram tomando conta das outras coisas. Eles querem tomar conta do Mercado Público, que tem 150 anos. Eles querem tomar conta! Aqueles automóveis não poderiam, nos sábados, ocupar o Largo Glênio Peres, porque é justamente quando o público vai lá. Aquilo tem que ser livre. Na Av. Mauá, eles querem, evidentemente, quebrar o Mercado Público, botando lá o *shopping*. Isso é uma coisa clara, e de olhos fechados estamos vendo isso. Então, é um processo que necessita do trabalho da sociedade.

Então, eu creio, daqui a uns 15 ou 20 dias, nós vamos fazer um trabalho levando o ideário da sociedade sobre aquilo, como isso, e aquilo, porque lá o capitalismo imobiliário está tomando conta também, porque tem o verde. Por isso que eu gostaria de olhar o verde ali, não esses edifícios ali. Alguns podem deixar, mas colocar o verde, porque nós precisamos do verde. Muito bem, e os nossos agradecimentos.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Muito obrigada, Bronzatto.

Nós temos suplentes que fazem questão de fazer um registro, o Dario e o Ricardo. Solicito extrema objetividade.

**O SR. DARIO PAJOLCHEK:** Boa-noite a todos, voy a ser breve. Yo estoy aqui representando a comunidade de Campo Novo, que, no ano de 2010, apresentou um abaixo-assinado com duas mil assinaturas solicitando a extensão, ou a abertura da Linha T11 para o Campo Novo, criando o T11A. Este *año*, novamente, reivindicamos essa posição, através da conselheira Rosa Bandeira e através dos representantes da comunidade. Em março do ano passado, em 2010, quando o Cappellari assumiu, a STS fez uma proposta para melhorar supostamente o transporte em Campo Novo, e essas modificações não deram certo. Eles tiraram a linha alimentadora 81 e botaram alguns horários rápidos. Durante a manhã, seis horários; de tarde, três, e acrescentaram o Morro Agudo aos domingos. Infelizmente, foi uma medida de efeito, porque a STS não tem condições, não tem carros para abastecer o serviço no Campo Novo.

Eu escrevi uma carta ao Cappellari, que sempre atendeu à comunidade, foi repassada outra carta para a Presidente da Câmara, e não me vou estender, porque a nossa luta é bem clara: não queremos o T11A para Campo Novo, e queremos o que possa ser viável, um aporte bem *chiquito*.

Com respeito à matriz do combustível dos ônibus, a comunidade crê que podemos chegar a 2014 trocando a matriz pelo gás. O gás vai colaborar muito para baixar o preço, vai poluir menos a Cidade, e vai dar uma saída para o Pré-Sal que temos aqui em Santos.

Outra coisa a que não renunciamos na Zona Sul, por mais utópica que seja, Cappellari, é que se faça um Projeto de metrô do Centro ao Extremo-Sul. Pode ser uma utopia, mas seria uma vergonha que uma cidade como Porto Alegre, com ambição de futuro, não pense em ter o metrô do Centro ao Extremo-Sul.

Boa-noite.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada. É verdade, não havia aparecido metrô na nossa audiência.

O Sr. Ricardo André Teer está com a palavra.

**O SR. RICARDO ANDRÉ TEER:** Boa-noite à Mesa e ao complemento. Faço parte do Orçamento Participativo e tenho vários itens a tratar, mas não será possível colocá-los todos. O primeiro deles é a filmadora dentro do transporte coletivo. Não é para beneficiar

o passageiro, é para prejudicar o motorista e o cobrador. Estão preocupados, nessa parte, os rodoviários.

Segunda parte: da Zona Sul até o Centro, precisam ser alargadas várias avenidas, e é por isso que está dando muita tranqueira no trânsito. Nós temos uma outra reivindicação da população: colocar a EPTC para tirar o pessoal de dentro engarrafamento. Isso não existe! É uma tranqueira sem tamanho na hora do pique!

Agora, vamos para a Linha Rápida. O Linha Rápida Serraria foi pedido em 2009, quando o senhor falou que era o Senna o Presidente, e, até agora, nós estamos esperando! A população gostaria dessa linha rápida o mais depressa possível, para beneficiar os moradores da Serraria. Está aqui, temos aqui a assinatura e o pedido à EPTC, de Nelcir Tessaro. Aqui é a parte do T11. Nós fizemos um abaixo-assinado para conseguir essa linha que vá ao quartel, e temos aqui assinatura do Presidente do 8º e do Comando, que ficam na Serraria – são dois quartéis –, e isso vai beneficiar também os moradores da Ponta Grossa. Isso será benéfico, e não é para mim, mas, como eu faço parte do Orçamento Participativo, ficam me cobrando.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**O SR. RICARDO ANDRÉ TEER:** Se o senhor quiser ir olhar...

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, André. Tente resumir, porque nós queremos registrar a palavra da EPTC.

**O SR. RICARDO ANDRÉ TEER:** Eu tenho mais uma questão: na travessa com a Rua Mura, necessitamos de um semáforo. Faz anos que estamos pedindo, e até agora não foi colocado. “Ah, não tem movimento.” Há travessia de pedestres, a travessia da Escola Professores Langendonck, que fica atrás da Av. da Serraria, mas, enquanto não houver uma morte, não vai ser colocado.

Nós estamos pedindo esses três itens. Eu agradeço, Presidente, é rápido, estou fazendo o máximo possível, vou mostrar para os senhores.

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Deixa, por escrito, para nós. Obrigada, André.

O Sr. Vanderlei Cappellari, Secretário, está com a palavra. Agradeço muito a sua presença e a sua paciência.

**O SR. VANDERLEI CAPPELLARI:** Nobre Presidente, é uma pena que o Plenário tenha se esvaziado, mas faço questão de fazer alguns registros, principalmente sobre todas as falas onde houve demandas ou alguma sugestão de melhoria, foi anotado aqui pela Diretora Cristina, e serão avaliadas, a partir de amanhã, lá na EPTC.

Eu queria principalmente dirigir a minha fala ao Ver. Pedro Ruas e à Ver.<sup>a</sup> Fernanda Melchionna, quanto principalmente àquele Processo que está no Ministério Público, no sentido de que a avaliação técnica da EPTC não tem empirismo ou achismo, nós, lá, nos balizamos na legislação. Todo processo que baliza o reajuste da tarifa está dentro da Lei nº 7.958, de 1996. Se há necessidade de fazer uma reavaliação ou não deve ser trabalhado em cima da alteração dessa Lei.

A tabela, como já disse o Presidente do Comtu, é baseada no Geipot, uma tabela técnica que baliza todo o nosso processo, e está aqui o Coordenador da equipe econômica que faz a avaliação, o Márcio, que tem a responsabilidade. Não vou aqui citar percentuais do reajuste da tarifa, de quanto cabe a cada percentual, mas que fique claro que a EPTC trabalha em cima de uma planilha de custos que está regulamentada como Lei Municipal para que se faça todo o trabalho em relação ao custo da tarifa do transporte público por ônibus.

Em relação à licitação, há um outro assunto levantado também aqui na Casa. Quero declarar que a Prefeitura, que o Prefeito de Porto Alegre já definiu que haverá licitação do sistema de ônibus.

Um outro assunto: nunca houve licitação no sistema de transporte por ônibus aqui na Capital. Então, não é de agora, é um processo muito antigo, e os atuais permissionários vêm se perpetuando desde lá do início quando a maioria dos empresários tinha apenas um ônibus, e eu estou, há 31 anos, trabalhando na SMT, e, um pouco antes disso, ainda havia permissionários praticamente individuais no sistema, que foram sendo adquiridos entre eles, e isso vem se perpetuando. Por isso eu disse que a permissão é precária, porque ela vem se mantendo desde o princípio do transporte público por ônibus. Então, nunca houve uma licitação, que nós pretendemos fazer agora em 2012. Eu estive em três reuniões no Ministério Público, onde estavam lá o Tribunal de Contas, o Ministério



Público, em que explanamos todos os motivos por que não é possível, neste momento, fazer uma licitação. Nós temos que concluir o Projeto dos BRTs e também saber se vai haver uma linha de metrô ou não. Para fazer uma licitação, eu tenho que saber exatamente o que vou especificar, o que vou dar para quem vai concorrer, nenhum empresário vai entrar numa licitação se não sabe qual é o produto que ele vai ter. Então eu preciso concluir esses dois Projetos para saber o que vou vender para o transporte, para cobrar exatamente o que vai ser cobrado desse empresário que vai entrar numa licitação.

Registro, Presidente Sofia, que prezo muito as audiências públicas, mas eu acho que elas são muito massacrantes, o tempo tem sido muito longo, nós não temos conseguido fazer um debate mais produtivo, eu acho que a gente teria que ter um tempo menor. Eu estive aqui na audiência pública dos ciclistas, hoje do transporte, eu acho que se a gente tivesse focado aqui em relação ao loteamento do bairro Restinga, por exemplo, que eu achei que foi uma grande demanda, Presidente, poderíamos ter focado num dos assuntos, poderíamos ter trabalhado melhor isso, ter apresentado o Projeto, inclusive mostrado o andamento do Projeto básico que está praticamente pronto lá na EPTC e que depende da aprovação da Lei.

Então, fica aqui o meu pedido, Presidente, para que a gente possa dar uma sistematizada e focar um pouquinho melhor para dar melhor resposta. Agradeço o espaço, e a gente está sempre à disposição lá na EPTC. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon):** Obrigada, Secretário. De fato, nós temos que criar uma dinâmica. É que os próprios Vereadores pressionam muito aqui para os moradores serem ouvidos, e, talvez, a gente tenha que criar uma dinâmica de interrupção, sim, por blocos, e de fala, porque aí as pessoas também escutam o outro lado, e já incorporaremos isso. Mas os nossos encaminhamentos vão dar conta desse diálogo mais qualificado e continuado.

Nós vamos fazer uma Reunião e, quem sabe, começaremos então com a STS, que é a mais criticada e a mais demandada na Zona Sul, tratando, na primeira audiência, Ver. Mauro, dos loteamentos, especialmente, também, combinando.

Eu queria franquear a palavra para ti, porque sei que trabalhas com muito afinco, pelo menos para registro, mas, assim, todas as falas estão registradas e serão instrumento de trabalho.

Muito obrigada pela presença de todos vocês. Vamos ver se conseguimos ajudar a mudar a face do transporte coletivo nesta Cidade. Boa-noite. Estão encerrados os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 23h19min.)